



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA – CCEN**  
**DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS – DGEOC**

**DANIELTON DA SILVA NEVES**

**ANÁLISE GEOGRÁFICA DA CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS DA FEIRA DE**  
**TIBIRI 2**

**JOÃO PESSOA**  
**2016**

**DANIELTON DA SILVA NEVES**

**ANÁLISE GEOGRÁFICA DA CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS DA FEIRA DE  
TIBIRI 2**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Curso de Bacharelado em  
Geografia, do Centro de Ciencias Exatas e da  
Natureza do Departamento de Geociências da  
Universidade Federal da Paraíba, Sob  
Orientação da Profª Drª Ana Glória Cornélio  
Madruga, em cumprimento as exigências para  
obtenção do Grau de Bacharelado.

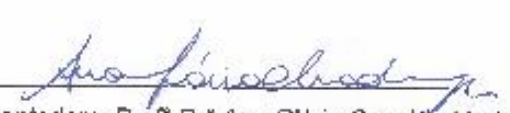
**JOÃO PESSOA  
2016**

ANALISE GEOGRAFICA DA CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS DA FEIRA DE  
TIBIRI 2


DANIELTON DA SILVA NEVES

Aprovada em 14/06/2016

BANCA EXAMINADORA

  
Orientadora: Profª Drª Ana Glória Cornélio Madruga

  
Avaliador: NOEMI PAES FREIRE

  
Avaliador: ARACI FARIAS SILVA

CONCEITO FINAL: 10,0

Catálogo na publicação  
Universidade Federal da Paraíba  
Biblioteca Setorial do CCEN  
Bibliotecária Josélia M. O. Silva – CRB15/113

N513a      Neves, Danielton da Silva.  
                Análise geográfica da circulação de mercadorias da Feira de Tibiri 2 /  
                Danielton da Silva Neves. – João Pessoa, PB, 2016.  
                61p. : il.49p. : il.

                Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal  
                da Paraíba.  
                Orientadora: Profa. Dra. Ana Glória Cornélio Madruga.

                1. Feira livre – Tibiri 2, Santa Rita-PB. 2. Mercadorias.  
                3. Comerciantes. I. Título.

BS-CCEN

CDU 911:338.432(043.2)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele tem me proporcionado viver e pela força que tem me dado para conseguir vencer os obstáculos que o mundo me coloca e se não fosse por ele não estaria hoje vivenciando mais este momento da minha vida: realização acadêmica.

A minha mãe e irmã por terem me acompanhado e me ajudado em todos os momentos da minha vida, e que sempre me incentivaram a estudar e a lutar pelos meus objetivos, pela compreensão e palavras de sabedoria dadas em todos os momentos.

Aos meus amigos e colegas da universidade pelo companheirismo e que têm me mostrado como é possível acreditar que ainda existem amigos verdadeiros. A todos os funcionários do Departamento de Geociências que contribuíram direta ou indiretamente.

A Géssica Rodrigues, que sempre me apoiou nos momentos de dificuldades e que sem a sua ajuda e apoio nunca teria concluído esse processo acadêmico.

A professora Ana Madruga, minha orientadora, pela paciência e confiança depositada em mim, pelos seus ensinamentos que colaboraram com minha aprendizagem, pela compreensão e atenção, pela disponibilidade e pela sua colaboração com esse trabalho.

A Yara pela sua colaboração e disponibilidade em ajudar e tirar dúvidas que surgiram ao longo da construção deste trabalho.

Aos feirantes e consumidores pela paciência em responder os questionários e por terem doado um pouco do seu tempo para colaborarem com essa pesquisa.

Enfim, a todos aqueles que sempre acreditaram em mim e que contribuíram de alguma forma com esse trabalho.

Que Deus abençoe a todos!

## **RESUMO**

O presente trabalho possui como objeto de estudo a feira livre de Tibiri, localizada no município de Santa Rita. O bairro de Tibiri se encontra em uma área urbana, circundada por outros pequenos distritos como o de Marcos Moura e Eitel Santiago, ao qual a feira de Tibiri abastece boa parte da população. Com este trabalho tenho o objetivo de analisar a organização socioespacial da feira de Tibiri e analisar a sua importância para a população, que ela abastece. Foi adotado alguns procedimentos metodológicos para a realização desse trabalho dentre eles pesquisa bibliográfica, registros fotográficos, realização de entrevistas com comerciantes e consumidores. Os referenciais teóricos deste trabalho baseiam-se em Ferreti (2000), Pazera (2003), Santos (1985), dentre outros.

**Palavras-chaves:** Feira, Mercadorias, Comerciantes

## **ABSTRACT**

This work has as study object the free fair Tibiri, located in the municipality of Santa Rita. The Tibiri neighborhood is in an urban area surrounded by other small districts like Marcos Moura and Eitel Santiago, to which the fair Tibiri supplies much of the population. With this work I have to analyze the socio-spatial organization of the fair Tibiri and analyze its importance for the population , which it supplies . It was adopted some methodological procedures for conducting this work among them research literature, photographic records , interviews with traders and consumers. The theoretical framework of this study are based on Ferreti (2000), Pazera (2003), Santos (1985), among others.

**Key words:** Fair, Commodities, Traders.

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Esquina da Rua Pombal (Rua da Feira) com a Avenida João Pessoa. Fonte: Google Maps.....	38
Figura 2 - Esquina da Rua Pombal (Rua da Feira) com a Avenida João Pessoa. Fonte: Pesquisa de campo, 2016. ....	38
Figura 3 - Entrada da Feira pela Avenida Campina Grande. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.....	39
Figura 4 - Venda de milho. Fonte: Pesquisa de campo, 2016. ....	40
Figura 5 - Banco de Frutas Fonte: Pesquisa de campo, 2016.....	40
Figura 6 - Bancos de alvenaria. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.....	41
Figura 7 - Estruturas móveis. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.....	42
Figura 8 - Banco de Frangos. Fonte: Pesquisa de campo, 2016. ....	42
Figura 9 - Cobertura da Feira. Fonte: Pesquisa de campo, 2016. ....	43
Figura 10 - Banco de Raízes. Fonte: Pesquisa de campo, 2016. ....	44



## LISTAS DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa Político do Estado da Paraíba. Fonte: Atlas da Paraíba. ....	14
Mapa 2 - Mesorregiões do estado da Paraíba. Fonte: Sudema/PB .....	15
Mapa 3 - Localização do município de Santa Rita - Paraíba. Fonte: Ministério de Minas e Energia. (Adaptado).....	15
Mapa 4 - Localização do Bairro de Tibiri. Fonte: Google Maps.....	36
Mapa 5 - Ligação da Feira com as duas principais avenidas de Tibiri. Fonte: Google Maps. ....	37

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa Etária dos Feirantes. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	45
Gráfico 2 - Gênero dos Feirantes. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	46
Gráfico 3 - Escolaridade dos Feirantes. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	47
Gráfico 4 - Tempo de Atuação na Feira. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	48
Gráfico 5 - Produtos Comercializados. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	49
Gráfico 6 - Faixa Etária dos Consumidores. Fonte: Dados da pesquisa, 2016. ....	50
Gráfico 7 - Gênero dos Consumidores. Fonte: Dados da pesquisa, 2016. ....	51
Gráfico 8 - Escolaridade dos Consumidores. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	51
Gráfico 9 - Local de Residência dos Consumidores. Fonte: Dados da pesquisa, 2016. ....	52
Gráfico 10 - Produtos comprados pelos dos Consumidores. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	53
Gráfico 11 - Gastos semanais dos Consumidores na Feira. Fonte: Dados da pesquisa, 2016.....	54

## **LISTA DE QUADRO**

Quadro 1 – PIB do Município de Santa Rita. Fonte: IDEME. ....	21
---	----

## SUMÁRIO

SUMÁRIO .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
1. SANTA RITA .....	14
1.1 Localização do município de Santa Rita – PB .....	14
1.2 Aspectos históricos de Santa Rita- PB.....	16
1.3 Aspectos geográficos .....	19
2 HISTÓRIA DAS FEIRAS LIVRES.....	23
2.1 Surgimentos das Feiras Livres .....	23
2.2 O Desenvolvimento das cidades através das feiras .....	26
2.3 Personagens das feiras .....	31
3. ANÁLISE SÓCIO-ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE TIBIRI.....	36
3.1 Localização da Área de Estudo.....	36
3.2 Organização, Formas de Uso e Ocupação do Espaço da Feira .....	37
3.3 Análise da Pesquisa de Campo com os Feirantes.....	44
3.4 Análise da Pesquisa de Campo com os Consumidores .....	49
3.5. Problemas Socioespaciais .....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	57
APÊNDICE.....	60

## INTRODUÇÃO

A feira livre tem uma ligação marcante com as cidades, historicamente, as primeiras feiras surgiram para satisfazer as necessidades das pessoas, ao redor e a partir delas surgiram as comunidades, cidades ou povoados.

Esse trabalho visa apresentar as principais características da feira de Tibiri localizada no município de Santa Rita, cidade ao qual não podemos deixar de mencionar sua importância histórica na construção e desenvolvimento do estado da Paraíba, Santa Rita está inserido na microrregião de João Pessoa.

As feiras livres têm uma grande importância devido à diversidade de produtos ofertados e preços mais baixos, que atende principalmente as necessidades da população de baixa renda, promovendo, por sua vez o resgate da cultura e das tradições populares, na medida em que favorecem o encontro de pessoas da comunidade.

A feira de Tibiri é um dos principais pontos de abastecimento da população de Tibiri, Marcos Moura e Eitel Santiago, sua diversidade de produtos e localização geográfica são os destaques contribuintes para o desenvolvimento da região, sendo de grande importância para aqueles que a frequentam seja como trabalhadores ou consumidores, que se desenvolveu juntamente com o bairro beneficiando a população.

Diante do exposto, os objetivos desta pesquisa apresentam-se da seguinte forma: Analisar a organização e descrever o ambiente socioespacial da feira de Tibiri, dando ênfase aos pontos positivos e negativos da área assim como também aos produtos que são comercializados no local; observar como a feira está organizada, a sua ocupação e os problemas constatados; investigar a partir de pesquisa direta o perfil dos feirantes que atuam no local, assim como o perfil dos consumidores; contatar a importância da feira para a população local.

Esta pesquisa encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro capítulo buscaremos relatar uma breve história do surgimento do município de Santa Rita, no segundo capítulo falaremos um pouco da origem das feiras, no terceiro capítulo discutiremos os resultados obtidos através da pesquisa in loco.

Desse modo, o estudo proposto, oferecerá informações úteis sobre a feira livre de Tibiri, uma vez que não há bibliografia específica. Como também, servirá de fonte de pesquisa para estudantes e outros profissionais de áreas afins.

Para a realização deste trabalho foi adotado procedimentos metodológicos como: a pesquisa bibliográfica na Biblioteca Central da UFPB e Setorial do Departamento de Geociências da UFPB, bem como através de pesquisa na Internet: a exemplo do portal do IBGE. Priorizamos inicialmente a leitura dos trabalhos monográficos, das dissertações e teses produzidas sobre as feiras livres, como também foi necessário um trabalho em campo onde utilizamos de entrevistas e questionários aplicados aos atores do cenário geográfico em estudo. Utilizamos como percurso metodológico a pesquisa de modo quantitativa, qualitativa, descritiva e exploratória, trazendo assim maior enriquecimento a pesquisa.

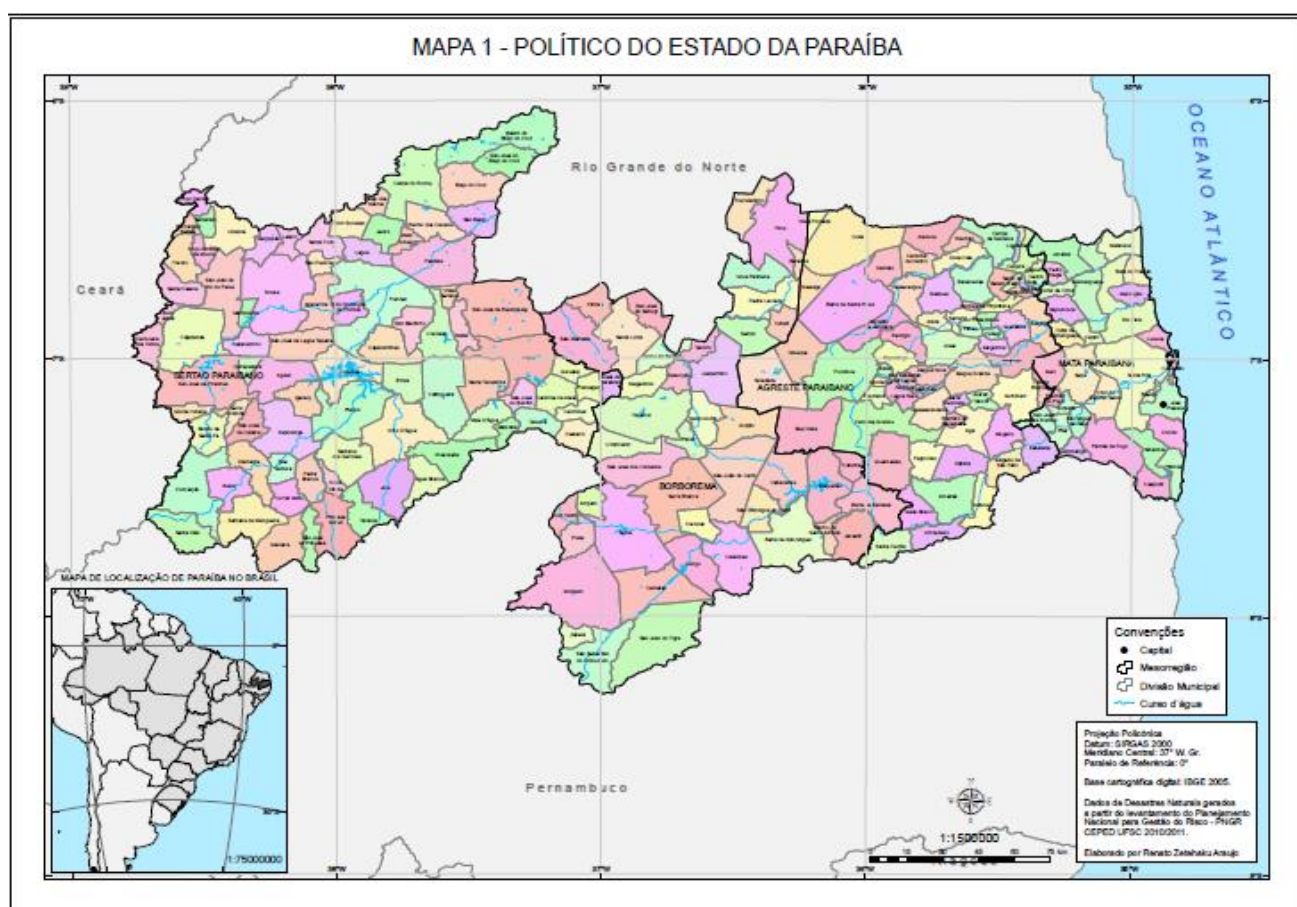
Foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas com os comerciantes que fazem a feira livre de Tibiri e 20 entrevistas com consumidores, os dados obtidos foram interpretados, contabilizados e inseridos em gráficos com intuito de explicar de forma geográfica, utilizando os conhecimentos aprendidos no decorrer de todo o curso de Geografia.

A bibliografia consultada contribuiu para melhor compreender a atual organização espacial da feira livre, bem como a base necessária para o trabalho de campo e análise dos dados. Utilizamos: Santos (1979, 2004); Ferretti (2000); Pazera (2003); Marx (1988) etc.

## 1. SANTA RITA

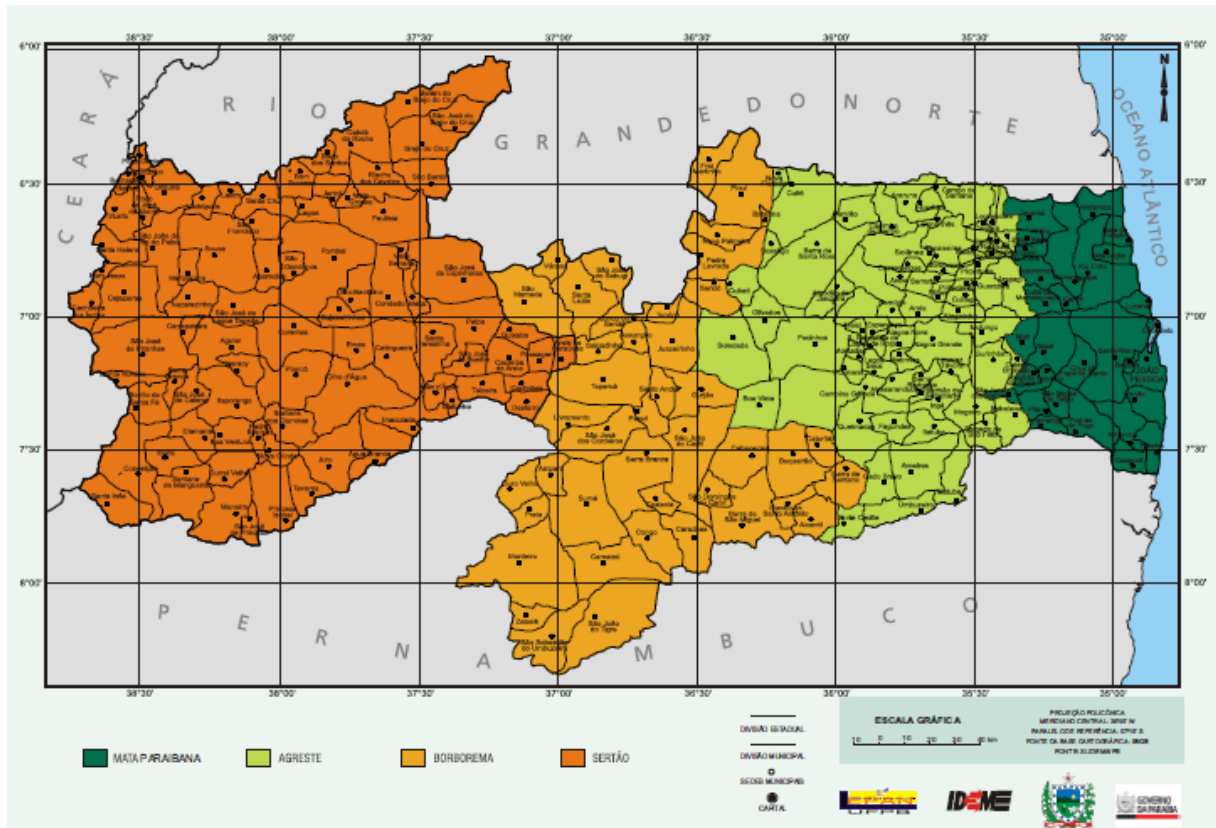
### 1.1 Localização do município de Santa Rita – PB

O estado da Paraíba possui uma área equivalente a 56.340,9 km<sup>2</sup> se limita com os seguintes estados: Ao Norte com o Rio Grande do Norte, ao Sul com Pernambuco, ao Leste com Oceano Atlântico e a Oeste com Ceará.



**Mapa 1** - Mapa Político do Estado da Paraíba. **Fonte:** Atlas da Paraíba.

O município de Santa Rita está localizado na mesorregião da Mata Paraibana, e na microrregião de João Pessoa, possui uma área de 1.264,08 km<sup>2</sup> e, segundo o censo do IBGE 2010, sua população é de 1.034.615 habitantes, sendo a mais populosa e a mais economicamente importante microrregião do estado.



**Mapa 2** - Mesorregiões do estado da Paraíba. **Fonte:** Sudema/PB



**Mapa 3** - Localização do município de Santa Rita - Paraíba. **Fonte:** Ministério de Minas e Energia. (Adaptado)



De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) o município contém uma área aproximadamente a 730,205 km<sup>2</sup>, representando 1.2873% do Estado e 0.0467% da Região.

O município de Santa Rita faz fronteiras com 11 municípios: Ao Norte com os municípios de Lucena, Rio Tinto e Capim; a Leste com Cabedelo, Bayeux e João Pessoa, ao Sul com Pedras de Fogo, Conde e Alhandra e a Oeste com Sapé e Cruz do Espírito Santo.

## **1.2 Aspectos históricos de Santa Rita- PB**

O município de Santa Rita está diretamente relacionado a expansão da cana-de-açúcar, cuja a produção já havia sido iniciada no atual território de Pernambuco.

Como povoado colonial, Santa Rita tem sua origem ligada a implantação do Engenho Real Tibiri, em 1586, pelos colonizadores da Capitania Real da Paraíba. [...] com exceção da cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Santa Rita pode ser considerada o núcleo de povoamento mais antigo da Paraíba [...]. (SANTANA, 1990, p. 151).

Segundo Santana (1990), com a conquista da Parahyba ainda no século XVI e sua ocupação diretamente ligada as atividades canavieiras, os portugueses construíram o Engenho Real Tibiry nas proximidades de onde hoje ficam os bairros de Várzea Nova e Tibiri Fábrica.

Era um engenho de alta tecnologia para a época, movido à água. O nome Tibiry deriva de uma terminologia dos Potiguara, tribo indígena que habitava todo o litoral do estado da Paraíba.

Essa terminologia Tibiry<sup>1</sup>, conceitua determinadas praticas das atividades sócio culturais dos mesmos, no que refere a sua vida pessoal e combativa entre os povos considerados inimigos.

Com o progresso da ocupação da capitania de Itamaracá, cujo espaço era ocupado pelo atual estado da Paraíba, os Potiguaras foram sendo desapropriados de suas terras, até ficarem confinados onde atualmente se localiza o município de Baía da Traição. Essa retração de território indígena se dá para a expansão e apropriação.

---

<sup>1</sup> Há registros de práticas de sodomia justificando a terminologia.

A cana-de-açúcar é um tipo de gramínea (*Saccharum officinarum*) originária da Índia sendo conhecida há aproximadamente quatro séculos, a.c. Logo em seguida, chegou a Ásia, China, à Pérsia e daí para Síria, Egito e Sicília.

Através de D. Henrique (Infante de Portugal, 5.º filho do rei D. João I), a cana-de-açúcar foi introduzida na Ilha da Madeira e de lá foi importada pelo Brasil por Martim Afonso de Souza no século XVI.

Acredita-se que a primeira plantação de cana-de-açúcar se deu em 1526, aqui no Brasil, onde foi encontrado solo e clima muito favoráveis para o cultivo da cana, e até meados do século XVII, o Brasil chegou a ser o maior produtor de açúcar do mundo.

O açúcar no século XVI, na Europa era considerado um produto de luxo, devido à dificuldade de produção, a plantação de cana-de-açúcar foi um dos pilares da colonização do Brasil, devido a sua característica de produto para exportação ao mesmo tempo em que essa produção do ponto de vista econômico se tornava onerosa por conta da dificuldade de acesso em larga produção de matéria prima.

Esse foi um dos fatores que propiciou a necessidade de vastas terras para o cultivo e mão de obra para o exercício dessa atividade, o açúcar se tornou tão valioso que chegou a ser entregue como dote.

Já em meados do século XVII foi quando o açúcar começou a ter um declínio, havia chegado a crise da produção da cana, provocada principalmente pela concorrência do açúcar das Antilhas.

A cana-de-açúcar era produzida na zona da mata, pois os solos propícios para o plantio limitavam-se às várzeas de solos aluviais e algumas encostas de tabuleiros, por apresentarem solos mais pobres e arenosos eram utilizados principalmente como lavoura de subsistência para os trabalhadores.

Já a região sertaneja foi responsável por prover as necessidades da área açucareira, de animais para o trabalho e alimentação para a população.

Segundo o IBGE o município de Santa Rita se originou da seguinte forma:

- O distrito foi criado com a denominação de Santa Rita, pela Lei Provincial n.º 2, de 20-02-1839. Subordinado ao município de Paraíba.

- Elevado a categoria de vila com a denominação de Santa Rita, pelo Decreto Estadual n.º 10 de 09-03-1890, desmembrado de Paraíba. Instalado em 29-03-1890.
- A vila é extinta sendo seu território anexado ao município de Paraíba.
- Elevado novamente à categoria de vila com a denominação de Santa Rita, pelo Decreto Estadual n.º 79 de 24-09-1897, desmembrado de Paraíba.
- Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede.
- Elevado à condição de cidade e sede municipal com a denominação de Santa Rita, pela Lei Estadual n.º 613 de 03-12-1924.
- Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito sede.
- Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 3 distritos: Santa Rita, Livramento e Lucena.
- Pelo Decreto-lei Estadual n.º 1.164, de 15-11-1938, o distrito de Livramento passou a denominar-se Tabajara.
- No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Santa Rita, Tabajara e Lucena.
- Pelo Decreto-lei n.º 520, de 31-12-1943, o distrito de Tabajara passou a denominar-se Gargaú.
- Pelo Decreto-lei n.º 454, de 20-06-1944, é criado o distrito de Barreiras (ex-povoado) e anexado ao município de Santa Rita.
- Pela Lei n.º 546, de 26-06-1944, o distrito de Barreiras passou a denominar-se Baieux.
- Pela Lei Estadual n.º 169, de 05-11-1948, o distrito de Gargaú passou a denominar-se Nossa Senhora do Livramento.
- Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 4 distritos: Santa Rita, Bayeux (ex-Barreiras), Lucena e Nossa Senhora do Livramento (ex-Gargaú).
- Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1955.
- Pela Lei Estadual n.º 2.148, de 28-07-1959, é desmembrado do município de Santa Rita o distrito de Bayeux. Elevado à categoria de município.

- Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Santa Rita, Lucena e Nossa Senhora do Livramento.
- Pela Lei Estadual n.º 2.664, de 22-12-1961, é desmembrado do município de Santa Rita o distrito de Lucena. Elevado à categoria de município.
- Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santa Rita e Nossa Senhora do Livramento.
- Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. (IBGE)

Segundo Santana na região existente entre Santa Rita e Tibiri havia um alagadiço este por sua vez dificultava a passagem para alcançar a estrada Manênma que ligava o Engenho Tibiri à Paraíba, sendo assim os viajantes eram obrigados a contornar essa região como consequência as viagens ficavam mais extensas, obrigando os viajantes a fazerem pausas com isso surgiram as primeiras habitações nessa região que futuramente se tornaria o município de Santa Rita.

“Naquele tempo, efetivamente, para se ir à capital da Província, fazia-se um grande rodeio, contornando o vasto alagadiço existente entre Santa Rita e Tibiri, para então alcançar a estrada Manênma que ligava o Engenho Tibiri à Paraíba. A pousada aí, portanto, era uma necessidade. Foi justamente, nesse “pouso”, que surgiram as primeiras habitações e mais tarde a cidade que é hoje Santa Rita.” (SANTANA, 1990).

### 1.3 Aspectos geográficos

A parte alagadiça ao qual nos referimos existente no município deve-se a ocorrência de um fenômeno geológico-geomorfológico denominado de GRABREN, onde o terreno de afundamento corresponde a áreas de várzeas do rio Paraíba.

Segundo Carvalho (1982), O município de Santa Rita se encontra geomorfológicamente no setor Oriental Úmido e Subúmido. Uma das características desse setor é a temperatura média anual entre 24° e 27°, também possui um clima quente, o litoral da Paraíba possui uma faixa com uma umidade bastante elevada aproximadamente 80%, essa região possui chuvas de outono-inverno cerca 2.000mm anuais, por consequências da influência dos alísios de sudeste.

Caracterizado por um clima quente, com temperatura média anual entre 24° e 27°C e chuvas de outono-inverno que alcançam 2.000mm anuais, no litoral, graças à forte influência dos alísios de sudeste, o setor oriental da Paraíba inclui-se, sem dúvida, em uma faixa de umidade elevada, no caso do litoral de cerca de 80%. (Carvalho, 1982).

Santa Rita pertence a unidade Geoambiental dos tabuleiros costeiros. Essa unidade se faz presente em todo o litoral do Nordeste, com a altitude variando entre 50 e 100 metros, nessa região também estão inseridos os platôs de origem sedimentar, observando-se no geral que essa região comporta solos profundos, porém de baixa fertilidade.

“O município de Santa Rita, está inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável, ora com vales estreitos e encostas abruptas, ora abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas. De modo geral, os solos são profundos e de baixa fertilidade natural.”<sup>2</sup>

O clima do município de Santa Rita é do tipo Tropical Chuvoso com verão seco. O período chuvoso começa no outono, tendo início em fevereiro e término em outubro. A precipitação média anual é de 2.000 mm.

Os solos dessa unidade Geoambiental são representados pelos Latossolos e Podzólicos nos topos de chapadas e topos residuais; pelos Podzólicos com Fregipan, Podzólicos Plínticos e Podzóis nas pequenas depressões nos tabuleiros; pelos Podzólicos Concrecionários em áreas dissecadas e encostas e Gleissolos e Solos Aluviais nas áreas de várzeas.

A vegetação é predominantemente do tipo Floresta Subperenifólia, com partes de Floresta Subcaducifólia e Cerrado/ Floresta.

O município de Santa Rita encontra-se inserido nos domínios das bacias hidrográficas dos rios Paraíba, região do Baixo Paraíba, Miriri e Gramame.

Seus principais tributários são: os rios Gramame, Jaburu, Camaço, Mamuaba, Mumbaba, Engenho Novo, Preto, Paroeira, Sol, Estivas, Pau-Brasil, Miriri, Tiriri, Caboco e Una, além dos riachos: Água Branca, Laminha, Bambu, do Cesto, da Estiva, Mangabeira, Dois Rios, Pau-Brasil, Jacuípe, Jacaraúna, Bibira, Japungu, Palmeira, do Boi, Tibiri, das Pedras e Pilão.

---

<sup>2</sup> <http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/SANT219.pdf>

Os principais corpos de acumulação são os açudes: Miriri e dos Reis, al ém das lagoas: Seca de Cima, Seca de Baixo, Barriga Cheia, Zumbi, do Paturi e Tibiri.

Santa Rita possui o maior número de fontes de águas minerais do estado da Paraíba, por isso, também é conhecida como a cidade das águas minerais.

Segundo os dados do IBGE 2010 o município de Santa Rita contém uma população de 120.310 habitantes, desses 58.119 são homens e 62.191 mulheres.

A zona urbana do município é a parte mais habitada com 103.717 habitantes enquanto a zona rural habita 16.593 habitantes.

Segundo o (IDEME) Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual, Santa Rita tem o quarto maior PIB do estado da Paraíba.

O PIB do município é baseado maior parte no setor secundário, ou seja, em indústria, principalmente no ramo de calçados, usinas de destilaria, estofado, já no setor primário que é o que menos contribui com o PIB do município destaca-se as plantações de abacaxi, e cana-de-açúcar.

Na tabela abaixo podemos ver as contribuições para o PIB de acordo com os setores segundo pesquisas do IDEME.

VARIÁVEIS	SANTA RITA
AGROPECUÁRIA	63.003
INDÚSTRIA	612.572
SERVIÇOS	459.273

**Quadro 1 – PIB do Município de Santa Rita. Fonte:** IDEME.

Ocupação do espaço na sua porção norte no limite com o município de Lucena: há instalação da agroindústria do vale do mangereba.

Outro fator que impulsionou a atividade industrial em Santa Rita foi a criação do programa Proálcool (Programa Nacional do Álcool) em 1975, O objetivo era substituir gradativamente a frota de carros movida por combustíveis derivados do petróleo por motores que funcionavam com recursos naturais, no caso do álcool.

A criação do Proálcool se deve principalmente à crise do petróleo que ocorreu em 1973, que levaram o governo brasileiro em busca de uma solução caso viesse a passar um dia por outra crise, A escolha da cana-de-açúcar para produção do novo combustível foi decorrente da queda nos preços do açúcar.

Na primeira década do Proálcool, os resultados foram positivos, visto que os consumidores priorizavam os automóveis movidos a álcool, foram oferecidos vários incentivos fiscais e empréstimos bancários com juros abaixo da taxa de mercado para os produtores de cana-de-açúcar e para as indústrias automobilísticas que desenvolvessem carros movidos a álcool.

Apesar de substituir parcialmente o petróleo, o Programa Nacional do Álcool promoveu uma série de problemas como: elevação da dívida pública em consequência dos benefícios concedidos; aumento dos latifúndios monocultores de cana-de-açúcar; elevação dos preços de alguns gêneros alimentícios (pois ocorreu a redução do cultivo de alimentos em substituição à cana-de-açúcar), entre outros.

Já na década de 90 o preço do barril de petróleo caiu, o que ocasionou ainda mais a queda na produção do etanol, em 2003 as indústrias começaram a fabricar carros flex, que permitem aos consumidores a opção de uso tanto do álcool quanto da gasolina.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup><http://www.biodieselbr.com/proalcool/pro-alcool/programa-etanol.htm>

<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1975/pro-alcool>

FRANCISCO, Wagner De Cerqueria E. "Proálcool"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/brasil/proalcool.htm>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2016

## **2 HISTÓRIA DAS FEIRAS LIVRES**

### **2.1 Surgimentos das Feiras Livres**

Os mercados e feiras livres são uma das mais antigas manifestações de atividades comerciais do mundo, sendo uma das características mais marcantes da passagem do feudalismo para o capitalismo. As feiras são fenômenos econômicos sociais muito antigos e já eram conhecidas dos Gregos e Romanos.

A origem da feira livre remonta ao século IX na Europa: os mercados locais eram organizados com vistas a suprir a população local com os gêneros de primeira necessidade (Pirenne, 1936).

A oficialização das feiras livres só veio a acontecer na idade média, quando passaram a ser controladas pelo Estado, que atuava como disciplinador, mas só ganharam importância entre as classes mais populares a partir da revolução comercial no século XI, nesses locais as pessoas faziam trocas e vendiam seus produtos.

Alguns relatos históricos já faziam menção as feiras livres até mesmo antes de Cristo, com isso podemos deduzir que é uma das práticas comerciais mais antigas já existentes.

No século XIII, algumas regiões rurais aumentaram suas produções agrícolas estimulando as famílias camponesas a produzir mais do que o necessário para subsistência.

Logo, produtos que não eram consumidos pelas famílias camponesas incrementavam as trocas de mercadorias, promovendo o surgimento do artesanato urbano. Esta troca de mercadorias passou a ser chamada de feiras livres (WEBER, 1979).

A existência das feiras foi uma solicitação natural de um ambiente que por sua vez veio a se tornar indispensável com as sobras de uns, contra as faltas de outros, contudo, seria importante que se trocassem seus excessos em busca de outros produtos onde não houve condições de produzir.

Segundo Vieira (2004), as feiras livres constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial ultrapassado, que



preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

No Brasil esse fenômeno de comercialização de mercadorias veio aparecer juntamente com a colonização, pois os Índios que eram o povo nativo da região não tinham conhecimento dessas práticas, pois os próprios levavam uma vida simples baseada na subsistência, ou seja, se preocupavam apenas com suas necessidades imediatas, suas trocas não propiciavam aglomerados, eram atividades individuais e isoladas.

A primeira referência de feira no Brasil data de 1548, quando o Rei D. João III na tentativa de evitar que os colonos se dirigissem às aldeias, ordenou que fizesse um dia de feira para que os gentios viessem à cidade comerciar seus produtos e comprar o que necessitassem (MOTT, 1976, p. 83).

As feiras são realizadas em todo o país, mas é na região nordeste onde há um maior destaque, onde são realizadas geralmente uma vez na semana, com o intuito de abastecer as áreas urbanas assim como também as zonas rurais, essas feiras desempenham um papel singular e primordial quando se fala em circulação de mercadorias e também representam um papel importante na integração social.

A feira livre constitui-se um espaço privilegiado onde são vivenciados, exercitados e atualizados os elementos que compõem este modo de ser sertanejo, inconfundível no seu falar característico, no gestual e no trajar próprio, bem como, nos seus hábitos tradicionais de consumo, estabelecendo aí uma espécie de território da cultura sertaneja, que se irradiava para sua comunidade. (Neves, 2002, p. 186).

Quanto menor o município, mais importante a feira para o seu desenvolvimento local, pois garante a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais, além de favorecer outros setores da economia local, os feirantes costumam comprar à vista em outros estabelecimentos, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, etc.

As feiras livres compõem uma modalidade de mercado varejista localizado ao ar livre, onde é permitida principalmente a comercialização de alimentos produzidos por pequenos produtores que se deslocam com suas mercadorias para os centros urbanos, onde por muitas vezes utilizam instalações provisórias e removíveis.

[...] feira e mercado as vezes são tratados como sinônimos, porém, ambos apresentam características próprias que difundem um do outro, que dizem respeito mais a estrutura do que a função. (FERRETTI, 2000 apud GOMES, 2013 p. 22).

Se observarmos a terminologia das palavras vemos que mercado é originada do latim “mercatu” significa lugar fechado onde se comercializa produtos de gêneros alimentícios entre outros, já a palavra feira que também vem do latim “feria” ou dia de festa, é utilizada para designar um local aberto, um local público.

Segundo Gomes (2013), existe uma grande diferença entre feira e mercado, sendo estes tratados muitas vezes como a mesma coisa. Uma das principais diferenças se dá em termos de estrutura. O mercado é bem mais estruturado sendo lugares fechados e cobertos, já a feira se faz em locais livres a céu aberto, e os mercados são baseados na maioria em produtos industrializados.

Assim, as feiras livres são locais onde há comercialização de diversos alimentos, com destaque para frutas, legumes e verduras in natura. Geralmente são oferecidos produtos que vêm diretamente do campo, sendo comercializados pelos próprios produtores rurais, possibilitando assim, oportunidade de comercialização ao meio rural (TOFANELLI et al., 2009; ROCHA et al., 2010).

Nesta acepção, a feira refere-se ao momento de encontro onde se realizam diversos tipos de atividades, sejam estritamente socioculturais ou econômicas. De acordo com dicionário da língua portuguesa, a expressão feira refere-se ao “local onde se expõe e vedem mercadorias. Local onde se vedem frutas, legumes e outros produtos alimentares” (FERREIRA, 1986, p. 543).

Percebemos com essas definições que feira é um local aberto utilizado principalmente para comercialização de produtos alimentícios com destaques para frutas e legumes, vale lembrar que muitas feiras não se restringem apenas a esses produtos, existem hoje vários tipos de feiras com variedades de produtos e nem sempre são de gêneros alimentícios.

Existem feiras que são exposições de algum tipo de especialidade com diversos comerciantes. Pode ser mercadoria de valor artístico, ou de produção industrial, de diversas regiões do país.

## 2.2 O Desenvolvimento das cidades através das feiras

O desenvolvimento das cidades esteve diretamente relacionado às feiras livres devido às realizações de intercâmbios de mercadorias e consequente abastecimento da população (WEBER, 1979; VEDANA, 2004).

As feiras livres não só estão relacionadas como desenvolvimento das cidades, mas como também ao surgimento de várias delas, as feiras fazem um papel de grande importância que é a ligação entre o homem, o campo, as cidades, e os comerciantes no papel de intermediários ou atravessadores de produtos industrializados.

As feiras são um dos aspectos mais importantes da organização econômica da Idade Média. Nascidas da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem e o campo e o da cidade, elas representam o ponto de contacto entre o produtor e consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época em que a circulação das pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca segurança das jornadas e pelo excesso de portagens e peagens. (Rau, 1982, p. 33).

O desenvolvimento das atividades comerciais nas feiras foi fundamental para a introdução da moeda como base de troca (compra e venda) de mercadorias. Como as feiras passaram a exercer o intercâmbio entre os diferentes lugares do continente europeu e do mundo, diferentes moedas eram utilizadas nas negociações.

Esse intercâmbio entre vários países e continentes deu origem a uma nova atividade proporcionada pelo comércio das feiras: os cambistas, comerciantes que se especializaram na troca de diferentes moedas. Eles exerceram importante papel para o desenvolvimento comercial, pois os bancos e banqueiros surgiram a partir dessa atividade cambista de troca de moedas.

A Europa na época do renascimento urbano e comercial no século XI, passou por uma transformação na economia e principalmente na vida social e nas paisagens urbanas. O artesanato se constituiu o principal meio de produção de mercadorias, destacou-se as feiras criadas pelos mercadores devido seu destaque em relação ao desenvolvimento comercial e urbano.

A essas mudanças está ligado — fenômeno capital — o nascimento ou o renascimento das cidades. Sejam elas novas criações ou velhas aglomerações, é o seu caráter novo e importante que determina o primado da função econômica. Etapas de rotas comerciais, articulações entre as vias de comunicação, portos marítimos ou fluviais, seu centro vital fica ao lado do velho castrum feudal, do núcleo militar ou religioso, é o novo bairro das lojas, do mercado, do trânsito das mercadorias. É o desenvolvimento das cidades que se ligam os progressos do comércio medieval; é no contexto urbano que cumpre situar o crescimento do mercador medieval. (Le Goff, 1991, p.8)

As atividades bancárias foram exercidas inicialmente pelos mercadores, os mercadores foram um dos principais responsáveis pelas atividades comerciais, eles se deslocavam de uma região para outra negociando suas mercadorias, transformando-se em homens ricos e poderosos. As atividades comerciais desenvolvidas pelos mercadores eram realizadas quase sempre nas cercanias das cidades, muitas vezes nas beiras de estradas.

Com a internacionalização das atividades comerciais que as feiras propiciaram, iniciou-se o desenvolvimento de um novo sistema de administração comercial, que utilizava taxas de juros e métodos matemáticos, como o sistema decimal.

A feira livre é um local de relações econômicas, sociais e culturais, assim tornando um local de construção de espaço e de identidade, no município, ela produz um espaço com uma função social primordial que é a de abastecer a população urbana, e muda a organização espacial urbana. Atualmente essa manifestação comercial é uma das mais antigas e resistentes modalidades de comércio varejista.

[...]não se pode contar apenas com uma análise da sociedade em termos de posições sociais, é preciso analisar também as atividades que os indivíduos desenvolvem nela para conquistar, para manter, para transmitir essas posições e é preciso considerar também outras perspectivas do que simplesmente a de sua posição social. É preciso levar em consideração o sujeito na singularidade de sua história e as atividades que ele realiza – sem esquecer, no entanto, que essa história e essas atividades se desenvolvem em um mundo social [...]. Em resumo, é um sujeito indissociavelmente social e singular. (Charlot, 2005, p. 40)

A população que se insere nas feiras livres desfruta de um espaço privilegiado de capital cultural, pois através das performances e micro eventos compõem um jeito peculiar de construção de conhecimentos sócio-educativo-culturais, assim enriquecendo-se cada vez mais.

Ao longo do tempo as feiras adquiriram uma importância muito grande, que ultrapassa seu papel comercial e as transforma, em várias localidades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias regiões se encontram para estabelecer laços de sociabilidade.

Com o tempo foram se moldando, passaram a ter muitas formas de comércio varejista foram sendo aperfeiçoadas ao longo de todos esses anos, desde os mercados de quitandas aos tabuleiros do meio da rua, e às técnicas de venda e de convencimento presentes nas falas daqueles que são os protagonistas desse comércio milenar.

A verdade é que, desde a era medieval, passando pela época moderna e o momento histórico da contemporaneidade, as feiras, sejam elas europeias ou americanas, consistem num verdadeiro mosaico de espaços de sociabilidade, em que a relação estabelecida entre tempo, agentes sociais e processos concorre para que as pessoas que habitam as cidades carreguem grande diversidade e riqueza culturais, até mesmo comportamentos.

Esses espaços vão além de simples pontos de compra e venda de produtos. São lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, escolhidos para os mais variados atos da vida social. Essa característica de ponto de encontro já faz parte da identidade das feiras.

A característica de ponto de encontro que a feira possui, é dotada de um caráter positivo, construtivo, para as pessoas que dela participam. A noção de sociabilidade se refere geralmente a situações em que há interação e confraternização entre as pessoas. Nela convivem diferentes posições sociais, onde as características das mesmas se exaltam sem que necessariamente ocorram atitudes de exclusão de convívio.

Sendo assim, nas feiras, as pessoas têm conhecimento das últimas notícias e boatos, são feitos os anúncios de utilidade pública, as manifestações coletivas se expõem, etc. Enfim, constituem-se espaços de relações sociais e interações cotidianas, apresentando riqueza e a experiência da memória, divulgando, portanto, as raízes da cultura popular.

É o local em que as pessoas se manifestam em todas as suas dimensões, sendo na rua que elas se expressam com maior intensidade. Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, vindos da zona

rural ou mesmo de outras cidades ou bairros, transformando a feira em um lugar efervescente, caracterizada por múltiplos sujeitos, modificando, ainda que por um período curto, já que muitas feiras são feitas são organizadas semanalmente, imprimindo um dinamismo diferente do habitual.

Contudo, não podemos ver as feiras apenas como formas e lugares de aglomeração periódica, mas espaços de sociabilidade específica, geridos no contexto da modernidade. Este contexto é crucial na nossa análise, pois ali as tradicionais estruturas da vida cotidiana são abaladas e novos modos de sociabilidade são agregados.

No mundo contemporâneo a modernidade contém um conjunto de novas expectativas e práticas sociais, mas também de decisivas transformações no espaço urbano, modificando as antigas urbanidades e as substituindo por novos formatos.

Os espaços nas cidades onde são implementadas as feiras livres hoje já são alvo de disputa entre distintos projetos e interesses, entre propriedade e apropriação, nas feiras livres, como em diversos outros lugares da metrópole, instala-se o uso do dinamismo das vidas. Mas estes locais têm sua formatação específica, pois foram criados por agentes hegemônicos para atender a determinados interesses relacionados ao lucro e à reprodução social.

Há um conflito hoje, pois, um padrão de sociabilidade não muito claramente definido, que abriga o conflito entre pelo menos duas concepções distintas acerca do que é, como se usa e para que serve uma feira. De um lado, o modelo concebido pela municipalidade, de outro a apropriação pelo senso popular, apoiado na expansão da informalidade que vem caracterizando as feiras existentes no século XX e XXI.

Tais conflitos, são gerados pelos interesses distintos entre os grupos, gestores dos espaços públicos, e todos os outros grupos que fazem parte de tais espaços.

Já vimos que a feira está ligada diretamente com o crescimento do meio urbano, para entendermos um pouco mais sobre esse processo de urbanização, utilizei a teoria de Milton Santos (1979/2004) sobre o processo de urbanização dos países subdesenvolvidos, onde o próprio utiliza os diversos tipos de atividades econômicas e ocupacionais. Segundo o autor, tem como característica a divisão do espaço urbano em dois circuitos econômicos.

São esses, o “circuito superior” que engloba as atividades econômicas ditas “modernas”, mais atuais, voltadas para a acumulação de capital, como os grandes conglomerados orientados pela economia global; incorpora tecnologia de ponta, emprega trabalhadores com nível de escolarização/qualificação mais elevadas; as atividades de comércio estão voltadas para segmentos das classes média e alta. Por sua vez, o “circuito inferior” compete sua atividade para a população e economia locais; é caracterizada pelo trabalho intensivo e utilização de pouca tecnologia; o ambiente de trabalho é geralmente precário em termos de proteção social; a atividade comercial dirige-se, prioritariamente, para as camadas médias e populares e visa, também prioritariamente, garantir a sobrevivência.

Existe uma grande divergência entre esses circuitos, por ser hegemônico, o “circuito superior” da economia orienta as regras para o funcionamento do “circuito inferior”, o que pode ser sentido como uma convivência tensa, essa tensão entre o comércio da feira livre e o das grandes redes de super e hipermercados é constantemente relatada pelos feirantes.

Há muitas distinções significativas entre os dois circuitos, mas também existe muitas influências e trocas entre eles, a feira livre escolhe produtos oferecidos por importadores (grandes atacadistas) e tem como fregueses pessoas dos estratos sociais médios e altos, além disso, podemos observar que os supermercados buscam reproduzir a estética da feira livre, até mesmo o formato das barracas e, em alguns casos, também o atendimento personalizado, característico da feira livre, tudo isso como forma de atrair as pessoas que tem o hábito de comprar os produtos na feira, com esses aspectos de semelhança tentam passar as pessoas o sentimento de que estão realmente no lugar que lhe é comum.

Cores, formas e texturas das mercadorias são exploradas pelos feirantes garantindo resultado estético que conta com a apreciação de freguesas e feirantes, as bancas são tecnicamente organizadas com os produtos mais belos expostos de forma diferenciada em locais mais visíveis para que assim possam atrair os fregueses, além de expor a beleza dos produtos tentam chamar atenção com os produtos que estão com preços mais atraentes.

## 2.3 Personagens das feiras

Trataremos agora especificamente de dois sujeitos sociais que são os pilares das feiras-livres, são eles os feirantes e fregueses.

Entre todos os elementos de ordem social que se fazem presentes desse mundo de interligações que é a feira, é importante considerar a importância desses sujeitos, que aqui iremos chamar de personagens, verdadeiros protagonistas, visto que sem eles haveria qualquer sentido dessas feiras continuarem existindo.

Esses personagens além de fazerem parte literalmente do corpo da feira, também são citados em vários acontecimentos históricos que fazem parte do crescimento desse ambiente rico em relações pessoais.

Primeiramente vale observar que, o fato desses personagens não serem homogêneos, uma vez que são em sua origem distintos e falam também de lugares sociais diferentes. Mesmo que sejam todos feirantes, existem características distintas, como os produtos comercializados e suas origens diversas.

São inúmeros elementos que distinguem os feirantes dos fregueses, que vão desde suas experiências individuais e coletivas, formação religiosa, educacional, familiar entre outros.

A feira é caracterizada como um ambiente de trocas de mercadorias cujo valor está expresso em moeda. Essa relação atravessa as fronteiras dos povoados, tem como intensão obter ganho nas trocas para uma acumulação de valor, valor esse que não necessariamente é para acumulação de capital, mas para um capital de giro, que voltará em forma de mercadoria. A ascensão do comerciante para empresário não se dá necessariamente com a venda de todos os produtos oferecidos.

Sem dúvidas a feira um lugar heterogêneo tanto dos sujeitos que convivem, como de produtos comercializados contém uma multiplicidade de práticas.

As feiras livres são instaladas em logradouros, onde por sua configuração peculiar acaba transformando-o em outra coisa, para que aconteça toda essa magia é como se um palco fosse criado, a chegada dos feirantes na madrugada trazendo seus equipamentos, mercadorias e montando suas bancas vai, aos poucos modificando o espaço, construindo suas vitrines, todo esse processo leva algumas horas.



Os feirantes possuem um comportamento particular, circunscrito pelas bancas, dá o substrato para os fazeres e interações sociais que ali têm. Assim, chamar as freguesas de “linda”, “menina” e “minha querida” não significa que os feirantes as estejam galanteando.

Feirantes são de certa forma atores, ou seja, utilizam-se de performers para atrair a freguesia. Característico da feira livre, o horário de muito fluxo de pessoas requer um diferencial para atrair a atenção: trabalho, comércio, beleza, brincadeira e o chamamento eloquente da freguesia. Embora para muitos feirantes e fregueses a feira seja apenas local de trabalho e de comercialização e, por isso, não participem das performances, são os performers que chamam a atenção.

As feiras livres na maioria dos casos são organizadas em apenas um dia da semana, onde os próprios se organizam num dia em um local e no outro dia já em outra cidade/bairro, esse nomadismo requer que os feirantes se situem e convivam em ambientes sociais, econômicos e culturais diferentes, em cada lugar o perfil da freguesia e a convivência entre os próprios feirantes ocasiona um campo social diferente diariamente.

É justamente essa característica de nomadismo que Elias (1987/1994b) ressalta, essa mudança de relações um dia sempre diferente do outro que enaltece a criatividade dos feirantes.

[...]cada um dos interlocutores forma ideias que não existiam antes e leva adiante ideias que já estavam presentes. Mas a ideia e a ordem seguidas por essa formação e transformação das ideias não são explicáveis unicamente pela estrutura de um ou outro parceiro, e sim pela relação entre os dois. E é justamente esse fato de as pessoas mudarem em relação umas às outras e através de sua relação mútua, de se estarem continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras, que caracteriza o fenômeno reticular em geral. (Elias, 1987/1994b, p. 29).

Esse mundo do feirante é construído pela presença de vários tipos de lógicas que se encontram em um lugar, em um dia da semana e se espalham em várias outras feiras livres nos outros dias e em outros lugares.

Contudo devemos compreender a feira como um contínuo organizar, baseado em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas, isso mesmo, táticas, cada feirante possui pontos de vista, argumentos e de experiências diferentes, mas todos com o mesmo objetivo de comercializar seus produtos.

Os feirantes possuem várias origens, existem uns que nasceram já nesse ambiente, onde apreenderam a profissão com seus pais e familiares, e de outro lado, existem aqueles que se tornaram feirantes por outros caminhos, perderam o emprego e correram para o trabalho informal, como também os próprios produtores que aos fins de semana saem para comercializar seus produtos, esses são os pequenos produtores.

Na feira, as relações de trabalho se misturam com as relações familiares, de amizade e de vizinhança no bairro de moradia, as regras de convivência familiar se fazem presentes no espaço de trabalho, utilizando-se muitas vezes a hierarquia familiar como forma de respeito e acatamento de ordens.

Outra figura de suma importância nesse ambiente de feira são os fornecedores ou atravessadores, ou seja, o que exerce suas atividades colocando-se entre o produtor e o comerciante varejista (diz-se de negociante); ou intermediário, seu papel primordial é fazer a ligação entre o produtor e os comerciantes, o atravessador leva os produtos para serem comercializados.

Podemos destacar também os personagens que são considerados protagonistas das feiras, ou seja, os fregueses, os compradores, que em muitos casos são os próprios feirantes, que se abastecem das mercadorias comercializadas pelos colegas de ofício, sujeitos ativos, resultado da cultura e da relação interpessoal que acontecem nesse ambiente rico em relações e trocas de experiências.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto exterior, uma coisa, a qual pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na natureza da coisa.<sup>2</sup> Aqui também não se trata de como uma coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção. (MARX, 1988, p. 45).

Para Marx, a mercadoria possui duplo fator, valor de uso e valor de troca, antes de tudo vamos entender o que é mercadoria. A mercadoria é o produto do trabalho humano, ou seja, algum produto que exige tempo e dedicação do homem para seu desenvolvimento é considerada uma mercadoria.

“a força produtiva de trabalho é determinada por meio de circunstâncias diversas, entre outras pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a

combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais” (MARX, 1988, p. 48).

Neste sentido, “quanto maior a força produtiva do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho exigido para a produção de um artigo, tanto menor a massa de trabalho nele cristalizado, tanto menor o seu valor” (MARX, 1988, p. 49).

Segundo Marx, são atribuídas as mercadorias os esforços para a produção de um produto, significa dizer que quanto maior o trabalho é exigido para a produção de uma mercadoria, mais caro será o produto, e quanto menos trabalho e investimentos menor será seu valor.

O que produz os valores de uso, é, portanto, o trabalho (a substância do valor), sendo a medida de grandeza do valor o tempo de trabalho socialmente necessário. A substância do valor da mercadoria está no trabalho humano e a grandeza deste valor é determinada pela grandeza do trabalho humano.

Contudo, se a substância de valor é a mesma para todas as mercadorias e isto quer dizer que todas as mercadorias como veículo do valor são todas iguais e trocáveis entre si, o que nos resta, portanto, é comparar o tamanho dessa grandeza.

É, portanto, apenas um quantum de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso o que determina a grandeza de seu valor. A mercadoria individual vale aqui apenas como exemplar médio de sua espécie. Mercadorias que contêm as mesmas quantidades de trabalho ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho, têm, portanto, a mesma grandeza de valor. O valor de uma mercadoria está para o valor de cada uma das outras mercadorias assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra (MARX, 1988, p. 48).

Para sabermos o valor de um produto precisaríamos medir o trabalho que é o que determina o valor do produto, como medir o trabalho? Podemos medir esse valor calculando o tempo: hora, dia, semana, mês e assim por diante, que leva para produzir.

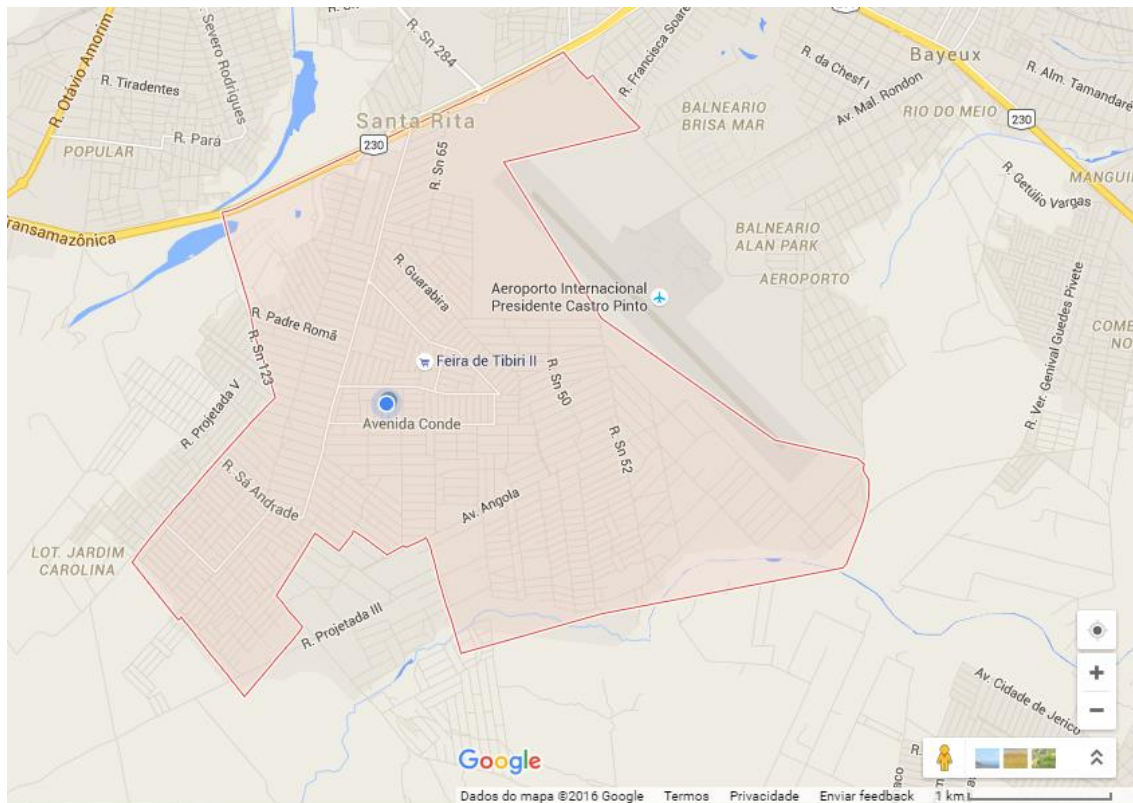
Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a mesma força de trabalho do homem como a outra, à medida que possui o caráter de uma força média de trabalho social, e opera como tal força de trabalho socialmente média, contanto que na produção de uma mercadoria não consuma mais que o trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário. Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade de trabalho (Marx, 1988, p. 48).

O valor de um produto além de ser medido pelo trabalho, também inclui ao seu valor a utilidade do mesmo, e também pela quantidade do produto no mercado, sendo assim como Marx (1988) menciona quanto mais útil e quanto mais difícil de encontrar no mercado mais caro seria o produto final.

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem a mesma. [...]. Esse caráter não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho. O exame dos valores de uso pressupõe sempre uma determinação quantitativa [...]. O valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta (MARX, 1988, p. 46).

### 3. ANÁLISE SÓCIO-ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DE TIBIRI

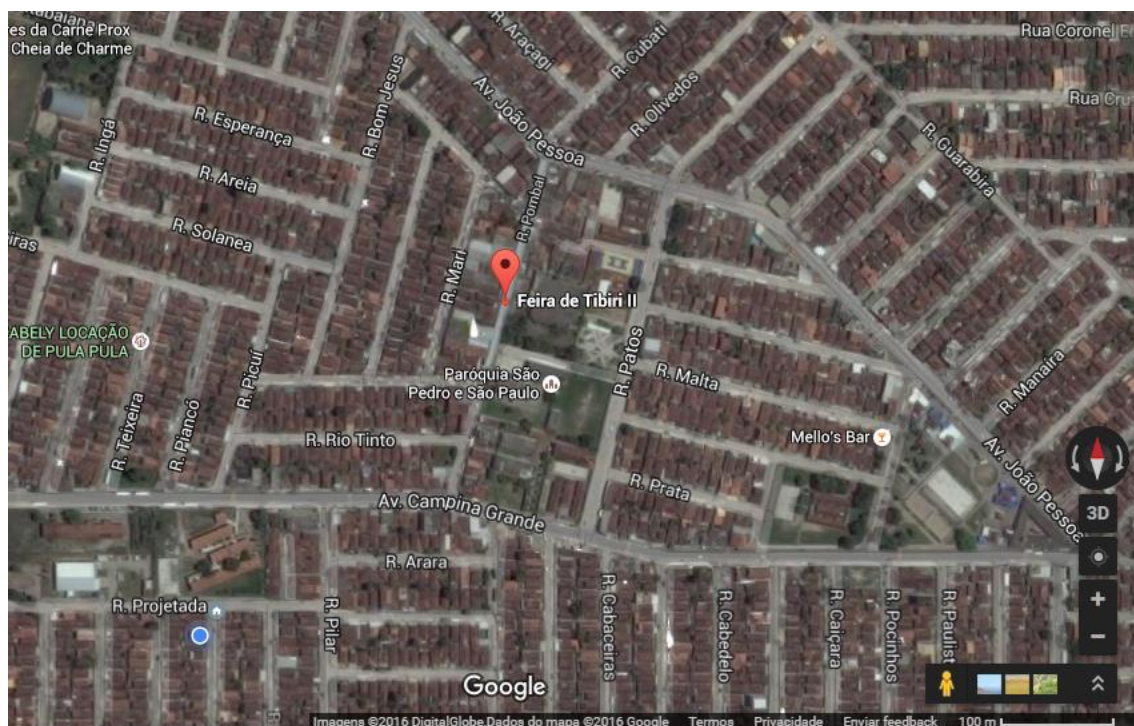
#### 3.1 Localização da Área de Estudo



**Mapa 4** - Localização do Bairro de Tibiri. **Fonte:** Google Maps.

Historicamente as feiras adquiriram uma importância muito grande, que ultrapassa seu papel comercial e as transforma, num posto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se encontram para estabelecer laços de sociabilidade, a feira de Tibiri está localizada em uma área de grande movimento, entre as duas principais avenidas do bairro.

A feira livre de Tibiri realiza-se no bairro de Tibiri 2, na Rua Pombal que liga as duas principais Avenidas do Bairro, são elas Avenida João Pessoa e Avenida Campina Grande, como mostra o mapa 05, logo abaixo.



**Mapa 5** - Ligação da Feira com as duas principais avenidas de Tibiri. **Fonte:** Google Maps.

A feira livre tem uma grande importância devido à diversidade de produtos ofertados a preços mais baixos, que atende principalmente as necessidades da população de baixa renda.

### 3.2 Organização, Formas de Uso e Ocupação do Espaço da Feira

As imagens 1 e 2 mostram o encontro da rua da feira com a Avenida João Pessoa uma das principais do bairro de Tibiri onde se encontra vários tipos de comércio, existe também um grande fluxo de veículos pelo local, sendo uma área bastante valorizada pelos comerciantes.





**Figura 1** - Esquina da Rua Pombal (Rua da Feira) com a Avenida João Pessoa. **Fonte:** Google Maps.



**Figura 2** - Esquina da Rua Pombal (Rua da Feira) com a Avenida João Pessoa. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

A feira livre encontra-se no bairro de Tibiri 2, no qual são oferecidos também ao público outros serviços, além do comércio. Os serviços identificados no mercado são: os de gêneros alimentícios (bares, lanchonetes); os de beleza (cosméticos); conserto (oficinas) etc. Dentro do mercado também encontramos residências e, com isso, podemos afirmar que este apresenta também uma função residencial. O comércio, os serviços e as residências são encontrados ao longo das ruas que compõem a feira.

Ao longo da pesquisa foi observado que não existe uma divisão concreta visualizando os gêneros comercializados, por tanto ao caminhar na feira é comum

encontrar uma banca de carne ao lado de uma banca de frutas, frangos, até mesmo roupas.

Na feira de Tibiri existe uma grande variedade de tipos de comércios, por exemplo, é possível encontrar um ateliê de costura, bancas de calçados, de roupas, e algumas lanchonetes dispersas ao longo da rua.

No local temos comércio de verduras, legumes e frutas, em bancas de madeira cobertas com telhas ou lonas plásticas, além de lanchonetes e frigoríficos.

Ao final da rua verificam-se um comércio de rações de animais, bancas de roupas entre bancas de verdura e frutas, além de lojas de utensílios de criança (roupinhas de bebê, outros) e um comércio de objetos de cozinhas (panelas). Há uma grande diversidade de mercadorias concentradas em uma mesma rua.



**Figura 3** - Entrada da Feira pela Avenida Campina Grande. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Na imagem 3 podemos ver que as estruturas dos bancos geralmente são de madeiras e fixas, ou seja, não são desmontadas ao fim do dia, ao longo da feira também é possível encontrar algumas estruturas de alvenarias, mas vale salientar que todos foram construídos com recursos próprios.





**Figura 4** - Venda de milho. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Observa-se que o crescimento da feira é notável, os bancos já começam a se sobressair da rua Pombal e seguem direção na Avenida João Pessoa, o mesmo podemos relatar na outra entrada da feira, as barracas já começam a virar as esquinas, lembrando que essas estruturas são fixas, mesmo em dias que não ocorre feira elas permanecem.



**Figura 5** - Banco de Frutas **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.



**Figura 6** - Bancos de alvenaria. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Na imagem 06 podemos ver a comercialização de frutas, podemos observar que na imagem o banco é de alvenaria, ao longo da feira notamos que não existe um padrão para os bancos, alguns são de alvenaria outros de madeira, mostrando que não há um planejamento na ocupação do espaço nem na infraestrutura.





**Figura 7** - Estruturas móveis. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Além das estruturas de madeira e de alvenaria, existem outras, móveis que os feirantes improvisam em carros de mão e caixotes, entre outros, como podemos ver na imagem 07.



**Figura 8** - Banco de Frangos. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.



**Figura 9** - Cobertura da Feira. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Parte da feira tem é coberta com telhas de zinco como podemos ver na imagem 09, esta obra foi feita pela prefeitura há alguns anos, segundo os feirantes tinham prometido mais coisas, mas a obra parou por aí.





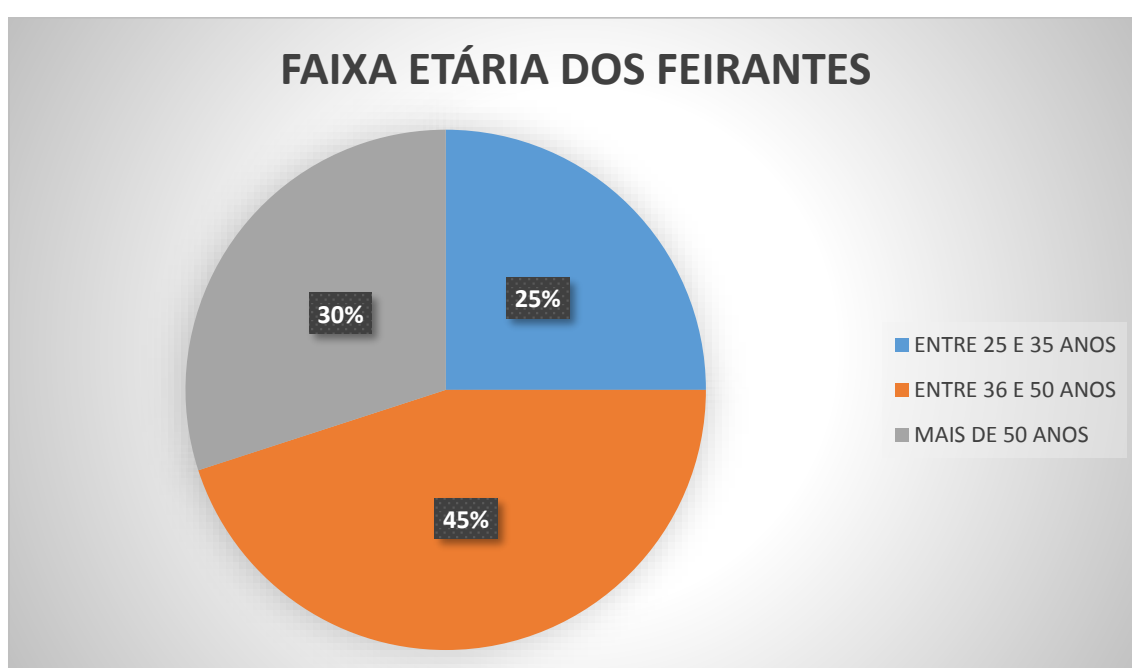
Figura 10 - Banco de Raízes. **Fonte:** Pesquisa de campo, 2016.

Na imagem 10 podemos ver um banco de raízes, podemos notar que muitos bancos são bem simples e organizados a melhor maneira possível.

### 3.3 Análise da Pesquisa de Campo com os Feirantes

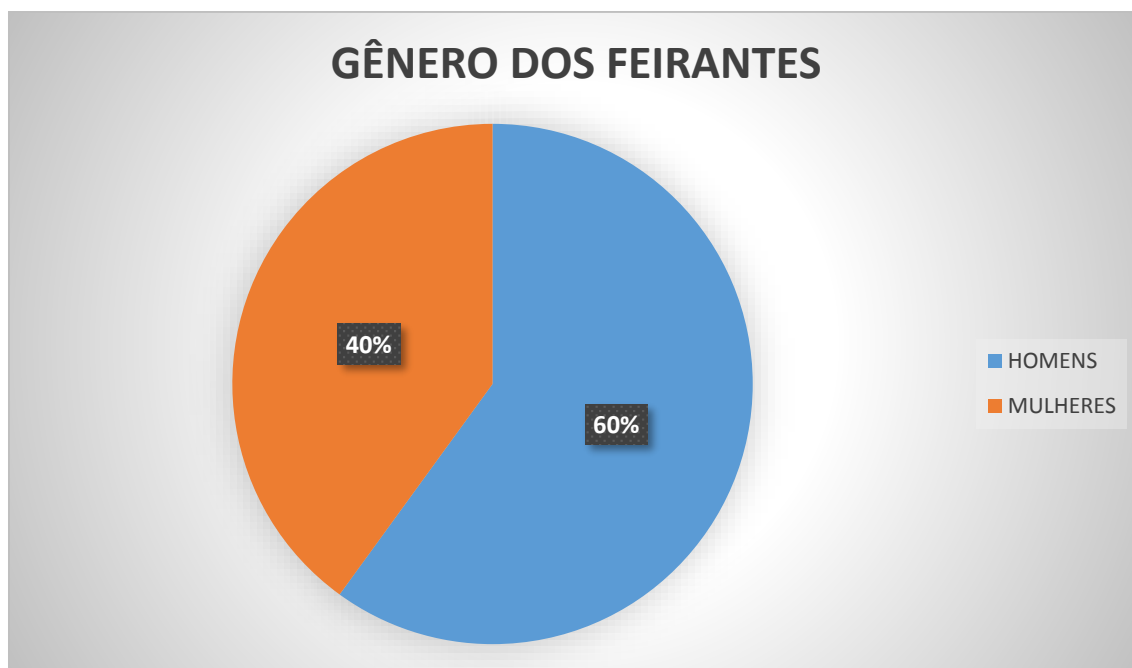
Para fazer uma análise na feira de Tibiri foi necessário o uso de umas entrevistas semiestruturada realizadas com 20 comerciantes, durante a pesquisa

procurei obter dados a respeito da faixa etária, gênero, naturalidade, nível de escolaridade, tempo de atuação no mercado, produtos comercializados, local de aquisição dos produtos, situação da banca e melhorias para o mercado; a partir das respostas obtidas elaboramos alguns gráficos com os perfis dos comerciantes. Dessa forma ilustrativa, a compreensão do espaço físico e da área de estudo torna-se mais fácil, assim podemos assimilar as informações obtidas e retransmiti-las nos gráficos.



**Gráfico 1** - Faixa Etária dos Feirantes. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

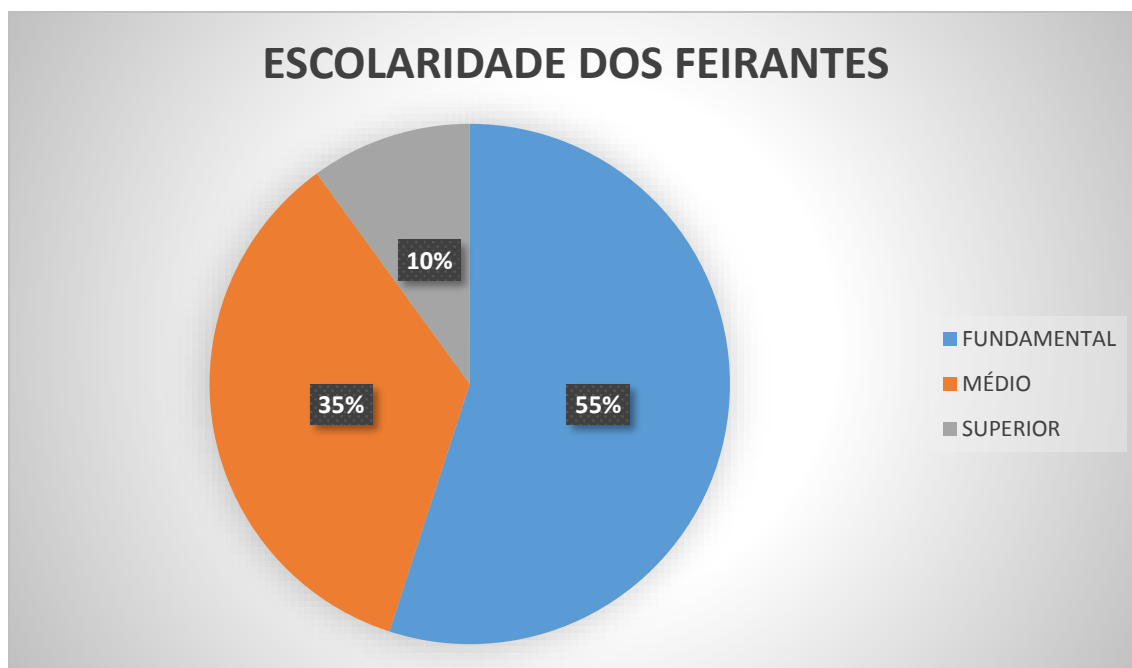
Com a pesquisa feita em campo geramos alguns dados para poder fazer uma caracterização das pessoas que trabalham no local, no gráfico 1 foi pego os dados a respeito da idade dos trabalhadores, nota-se que 45% dos entrevistados têm entre 36 e 50 anos, seguidos por 30% com mais de 50 anos esses muito antigos foram uns dos primeiros a se estabelecerem no local, e por fim os mais jovens entre 25 e 35 anos, esses começaram desde cedo a maioria começou ajudando os pais e acabaram se fixando, adquirindo outros pontos ou assumindo o negócio da família.



**Gráfico 2** - Gênero dos Feirantes. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Foi possível constatar que entre os feirantes que na feira de Tibiri encontrasse um pouco mais de homens trabalhando do que mulheres.

Durante a pesquisa em campo foi perguntado aos feirantes se a prefeitura faz algum tipo de cobrança pelo uso do espaço, todos os feirantes relataram que por volta de 2 anos atrás era cobrado uma taxa pela prefeitura, essa taxa variava entre 2 a 4 reais, era arrecadada semanalmente, mas não é mais cobrado nenhum valor.

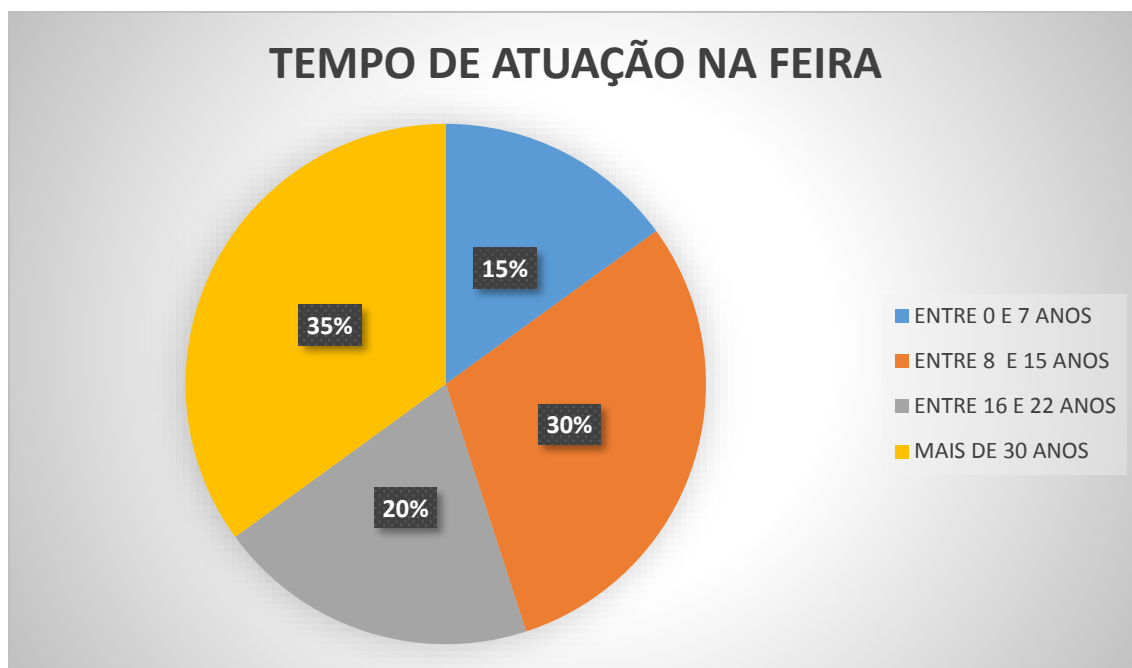


**Gráfico 3** - Escolaridade dos Feirantes. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016

Sábado e domingo são os principais dias de feiras, os dias com maior movimento, porém também ocorre nos outros dias da semana, todos os feirantes entrevistados residem próximo a feira, daí fica mais fácil a ida e vinda durante boa parte da semana, quase todos os feirantes tiram a segunda feira para descanso, são poucas as exceções, mais da metade dos entrevistados tem apenas o ensino fundamental, como podemos observar o gráfico 03.

Com base nas entrevistas percebemos que a maioria dos produtos adquiridos a atravessadores e na Ceasa (Centrais Estaduais de Abastecimento) e algumas raízes são provenientes de alguns sítios. Já os comerciantes de roupas têm na feira de Caruaru e a cidade de Santa Cruz em Pernambuco como a principal fonte de abastecimento de suas mercadorias.



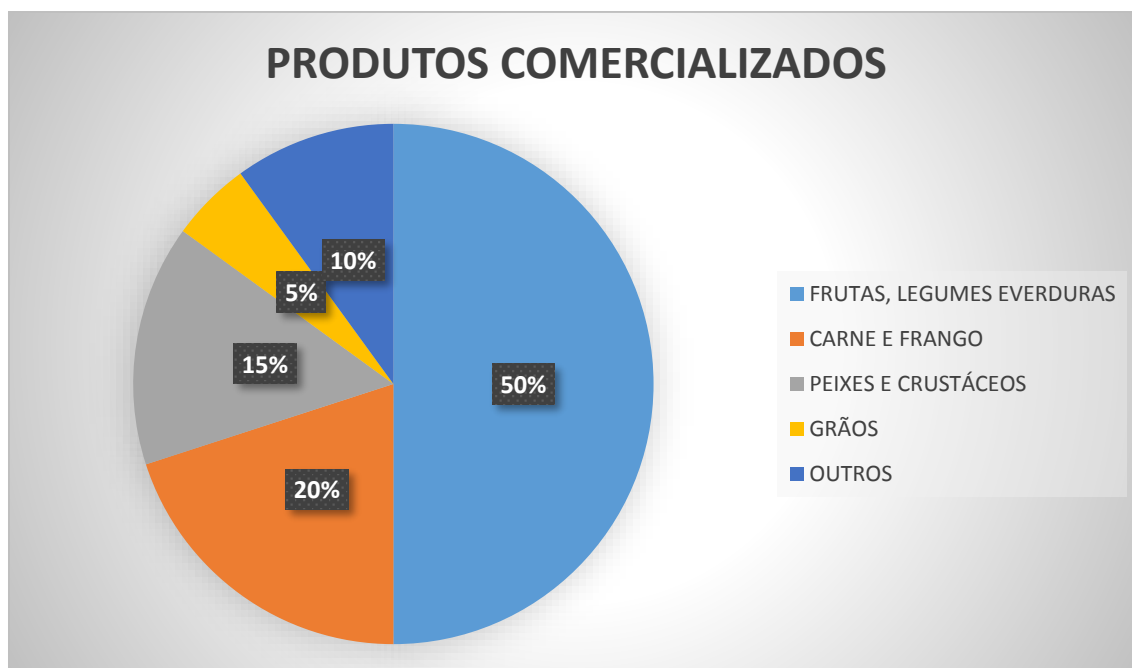


**Gráfico 4** - Tempo de Atuação na Feira. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

De acordo com a pesquisa realizada em campo 35% dos entrevistados tem mais de 30 anos de atuação na feira, relataram que no início quase não havia bancos, e que existe uma grande diferença comparado com hoje em dia.

Na coleta de dados podemos fazer uma análise para conhecer um pouco sobre os feirantes, pode-se notar que grande parte se trata de pessoas com pouca instrução, e seu trabalho na feira é sua única fonte de renda, é notório no trabalho de campo os laços de amizade existentes entre os feirantes, que nas horas de menor movimento aproveitam para conversarem e colocarem informações sobre acontecimentos pessoais dentre outros importantes em seu cotidiano.

No gráfico 05 sobre os produtos comercializados constatamos que frutas e verduras são os produtos mais vendidos, seguido de carne e frango.



**Gráfico 5** - Produtos Comercializados. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Constatamos que a todos os feirantes entrevistados reside no município de Santa Rita, nos bairros que circundam a feira como o próprio Tibiri, Marcos Moura e Eitel Santiago, o que nos mostra que a feira é de grande relevância para o município, pois gera emprego para os seus moradores, além de abastecer a população local.

### 3.4 Análise da Pesquisa de Campo com os Consumidores

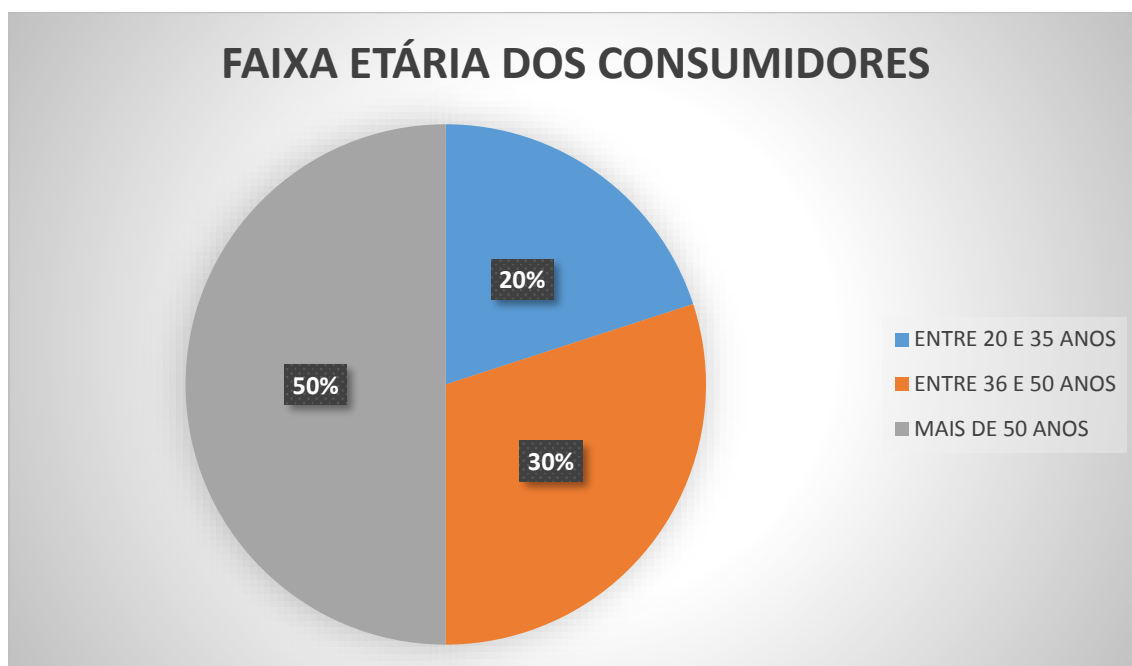
No tópico anterior podemos conhecer o perfil dos feirantes que comercializam na feira, apontaremos agora as principais características das pessoas que frequentam a feira para realizarem compras. Foram entrevistadas 20 pessoas, mediante entrevista semiestruturada.

Constatamos que 95% dos consumidores entrevistados residem nos bairros que constituem o município de Santa Rita. Como Marcos Moura, Eitel Santiago e o próprio Tibiri que é onde se localiza a feira.

Durante as entrevistas foi perguntado o que mais atraía os consumidores para a feira já que existem alguns supermercados próximos, eles responderam que nos supermercados eles compram os produtos industrializados, e na feira eles

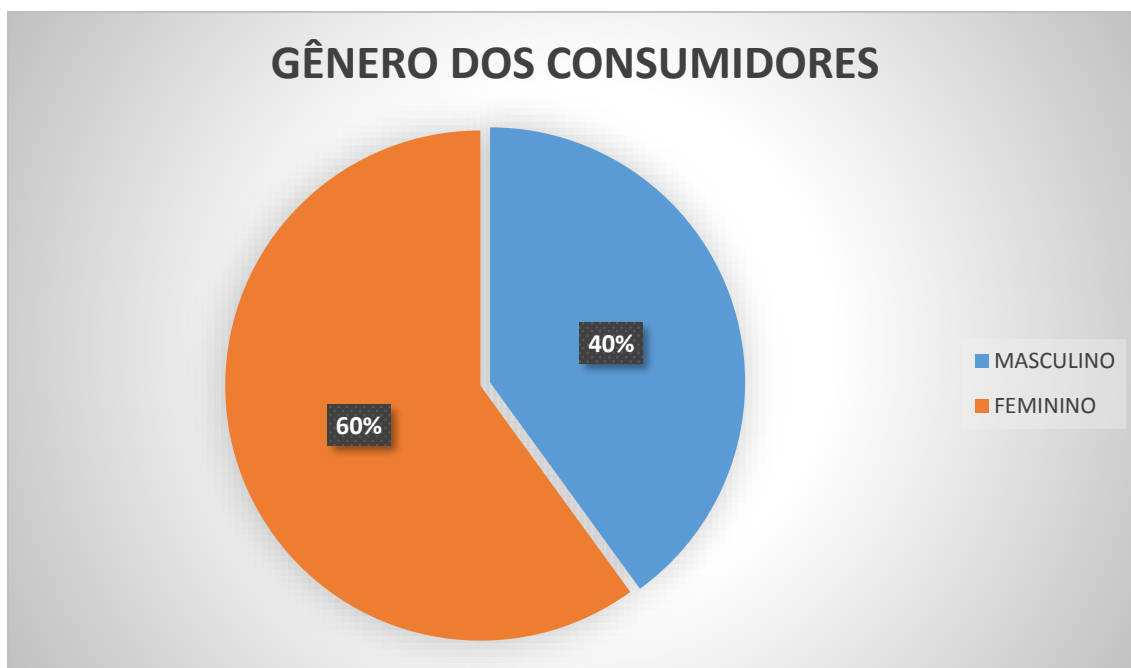
costumam comprar frutas e verduras pois são mais bonitas e mais novas do que dentro do supermercado.

No Gráfico 06 podemos observar uma certa equivalência entre os consumidores acima dos 50 anos, esse público corresponde aos aposentados, pensionistas e donas-de-casa. Em percentuais menores observa-se o público adulto e os jovens.



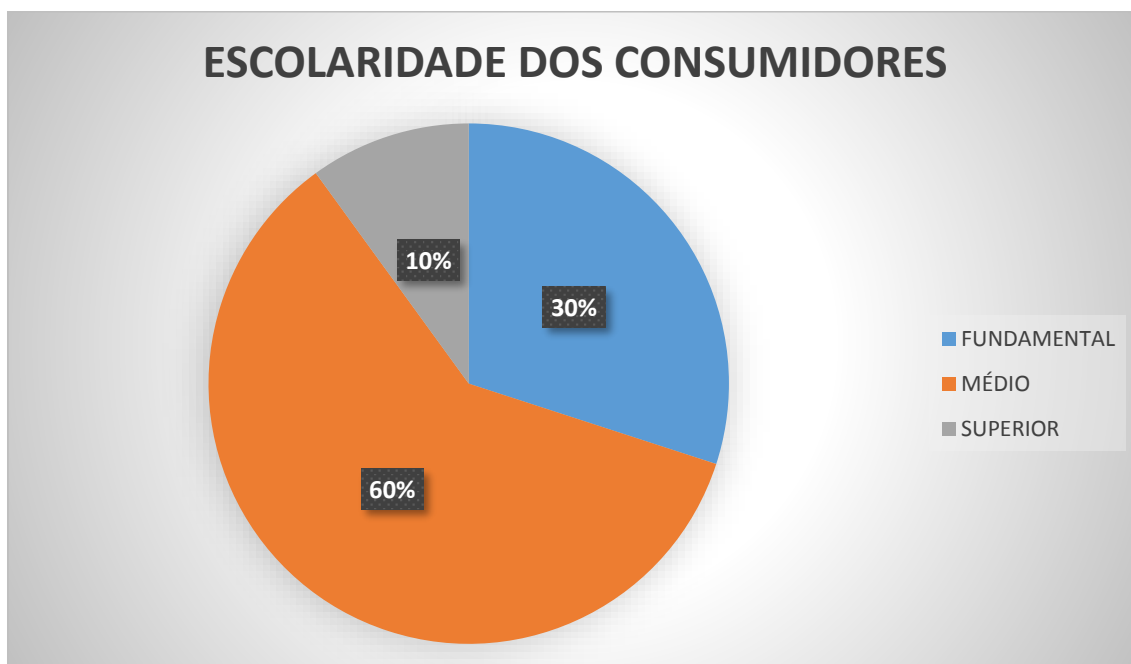
**Gráfico 6** - Faixa Etária dos Consumidores. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Segundo observamos no gráfico 07 a maioria dos frequentadores da feira são mulheres, algumas vezes são acompanhadas pelos maridos, alguns os homens que vão a feira declararam que veio porque a mulher ficou fazendo o almoço e eles vieram comprar algo que faltava, mas que quando vão fazer a feira ela tem que está presente.



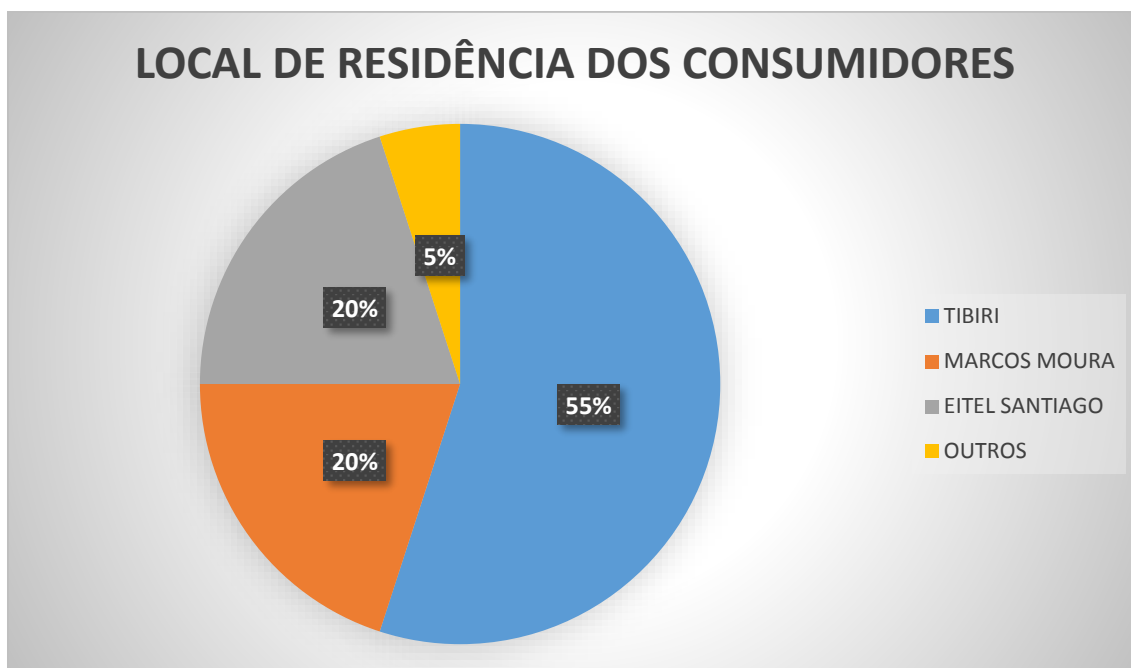
**Gráfico 7** - Gênero dos Consumidores. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Analisando o gráfico 08 constatamos que os consumidores têm variados níveis de escolaridade, mas segundo nossa entrevista a maioria possuem o ensino médio.



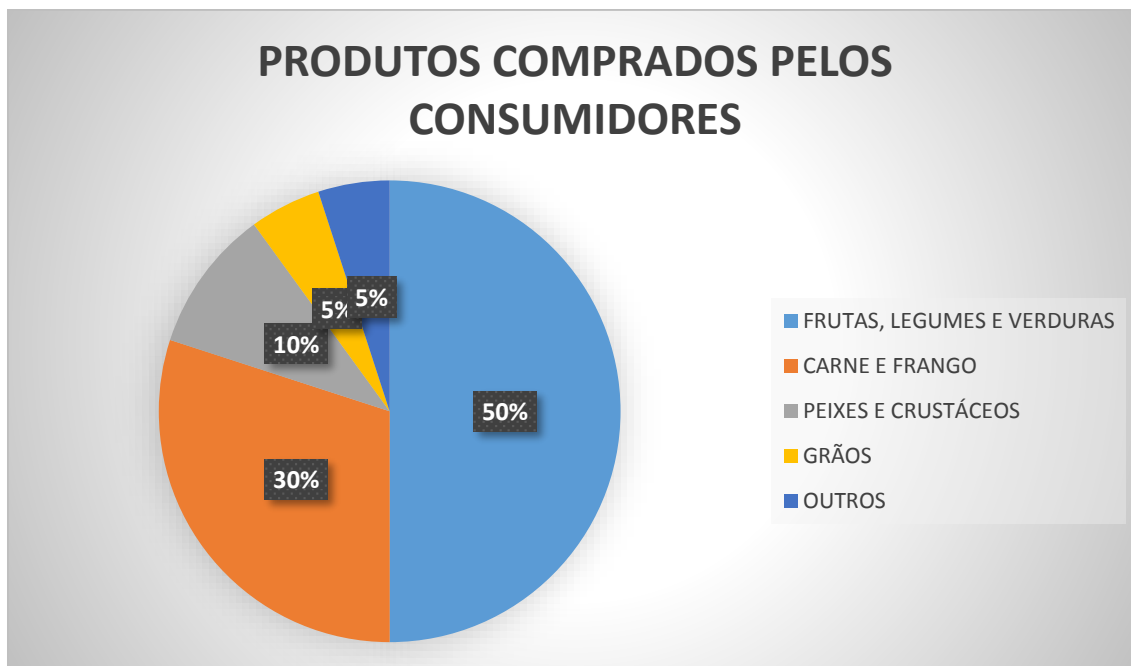
**Gráfico 8** - Escolaridade dos Consumidores. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

A partir da análise realizada sobre os dados obtidos junto às entrevistas, construímos o gráfico 09 e constatamos que 95% dos frequentadores residem nos bairros que circundam a feira, demonstrando que a feira realmente cumpre seu papel de abastecer a população local.



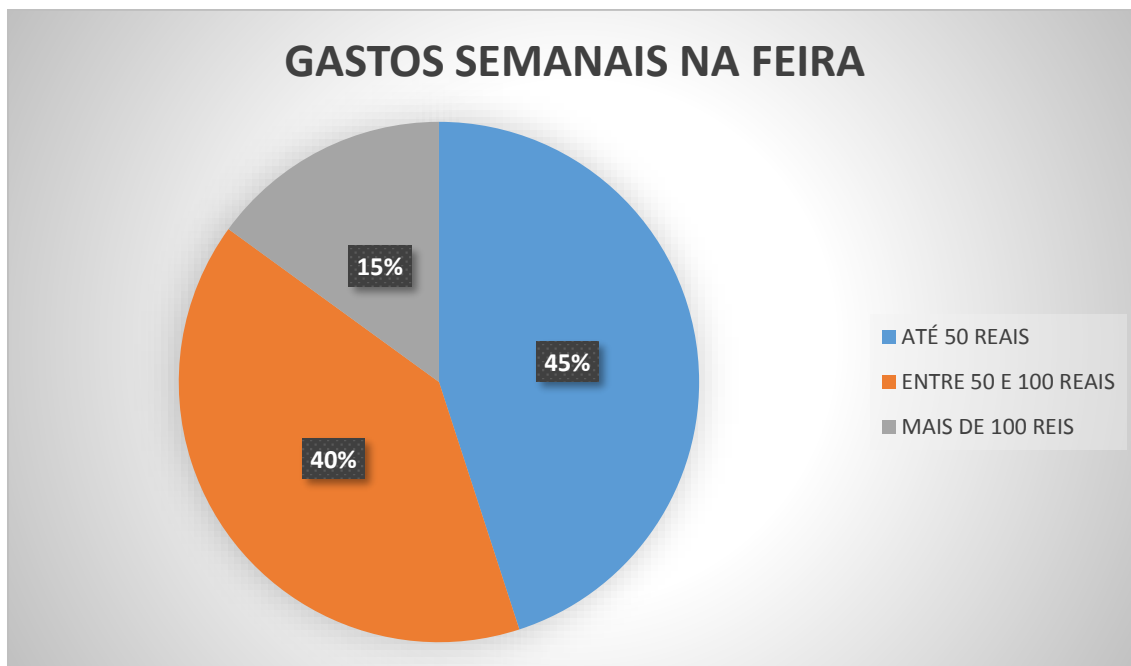
**Gráfico 9** - Local de Residência dos Consumidores. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

No Gráfico 10 podemos ressaltar que os frequentadores da feira de Tibiri costumam consumir frutas e verduras, deixando os produtos industrializados para serem comprados dentro dos supermercados, observamos uma alta incidência de comercialização de frutas, legumes e verduras que juntos correspondem a 50% dos produtos mais consumidos entre os clientes; carnes e frangos correspondem a 30%, peixes correspondem a 10%, grãos correspondem a 5% e outros produtos correspondem a 5%.



**Gráfico 10** - Produtos comprados pelos dos Consumidores. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

A partir da análise dos dados verificamos que a maioria dos consumidores entrevistados gastam pouco na feira, uma vez que 45% afirmaram gastar até R\$ 50,00 com compras na feira, durante a entrevistam abordamos um dono de uma pequena lanchonete ele afirmou que frequenta a feira muitas vezes na semana e compra principalmente verduras para fazer sanduiches e cachorro quente, com isso podemos constatar que a feira tem grande importância para os pequenos comerciantes locais.



**Gráfico 11** - Gastos semanais dos Consumidores na Feira. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Apesar dos problemas existentes na feira, essa instituição comercial tem uma grande importância para os seus frequentadores, quando questionados sobre a importância da feira para as suas vidas, responderam que a feira é sim importante para eles, pelos seguintes motivos: preços mais em conta, a qualidade e a variedade dos produtos, liberdade de escolha já que a feira é composta por muitos bancos.

Quando perguntamos o que poderia ser melhorado na feira os consumidores responderam, alguns elementos como o espaço da feira e torná-la mais agradável, tais como: a organização, a infraestrutura, a higiene.

### 3.5. Problemas Socioespaciais

Durante a pesquisa in loco buscamos identificar os problemas Socioespaciais existentes na feira. Sendo assim identificamos inúmeros problemas que ocorrem na feira, dentre os quais: falta de segurança; a falta de higiene nos banheiros públicos; a falta de organização e de condições físicas das bancas; a presença de animais dentro da feira; a falta de infraestrutura, a presença de lixo no meio da feira.

Podemos observar que existe um mau uso do espaço da feira, que poderia ser melhor aproveitado. E uma das soluções para esse problema apontado pelos

próprios feirantes como também pelos consumidores seria uma reforma, que padronizasse os setores da feira e as bancas.

Além de melhorar as condições físicas das bancas seria necessário fornecer aos feirantes os instrumentos necessários para a realização do seu trabalho. Além da realização de um trabalho educativo, outro problema identificado ao andarmos pela feira e apontado pelos consumidores são as más condições em que as carnes são comercializadas: expostas ao ataque de moscas e de outros animais. Além disso, muitos feirantes não usam luvas ao manusearem essas mercadorias, tornando-as pouco atrativas aos olhos do consumidor.

Observamos também ao andarmos pela feira a ausência de lixeiras e isso faz com que o lixo seja jogado no chão tanto pelos feirantes quanto pelos consumidores. A presença de animais, principalmente, de cachorros e gatos, dentro do mercado foi apontada pelos feirantes como um problema, pois estes dormem sobre as bancas além de fazerem suas necessidades fisiológicas.

Foi relatado pelos feirantes que devido à má estrutura da feira em épocas de inverno a feira fica inabitável pois alaga tudo, a chuva carrega o lixo, eles mesmos não abrem a banca em dias de chuvas pois sabem que não dá movimento e tem medo de pegar alguma doença pois relatam que há um grande número de ratos e outros animais e a água que fica empoçada é suja.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse trabalho, percebesse a importância da feira de Tibiri pois gera trabalho para os moradores e cumpre seu papel de feira que é suprir as necessidades da população, onde os produtos oferecidos são de boa qualidade e com preços mais chamativos e ainda contribui com a renda comercial do município.

Foi traçado os perfis tanto dos comerciantes como dos consumidores, onde as pessoas que trabalham na feira podemos destacar que são pessoas humildes e alegres, onde muitos trabalham há anos no ramo e que com essa atividade sustentam e investem nos estudos dos filhos para que estes tenham um futuro melhor, com a análise dos consumidores podemos concluir que frequentam a feira principalmente a procura de frutas e verduras pois são muito mais atraentes do que dentro dos supermercados onde compram os produtos industrializados.

Contudo constatamos algumas dificuldades enfrentadas tanto pelos comerciantes, como pelos consumidores, são eles principalmente dificuldades como organização e infraestrutura, a feira tem como característica um espaço em que as pessoas se reúnem para fazer a feira e para trocar informações sobre o seu cotidiano. Os resultados dos quais dispomos nos faz pensar que se faz necessário melhorar as condições de trabalho do feirante bem como as condições de compras do consumidor.

Conhecendo bem os problemas socioespaciais identificados na feira, percebe-se que não se tem dado a devida importância a esse espaço de comercialização, que é de grande relevância para os moradores do bairro de Tibiri como aos moradores dos bairros vizinhos que dependem da feira para se abastecerem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Atlas brasileiro de desastres naturais 1991 a 2010:** volume Paraíba / Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED UFSC, 2011.

CARVALHO, Maria Gelza R. F.de. **Estado Paraíba:** Classificação geomorfológica. João Pessoa, Editora Univercitária/UFPb, 1982.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

ELIAS, N. (1994b). **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Original publicado em 1987).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** [2ª ed.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERRETTI, M. **Feiras Nordestinas:** estudos e problemas. In: FERRETTI, S. (org.). Reeducando o Olhar: estudos sobre feiras e mercados. São Luís/MA: Edições UFMA-PROIN (CS), 2000, p. 13-34.

GOMES, Camila Gonçalves. **Uma Análise Socioespacial da Feira Livre de Bayeux-** PB.João Pessoa – PB, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEFEBVRE, H. (1991). **O Direito à Cidade.** Editora Moraes. São Paulo.

LENCIONI, Sandra. (2014), **Região e Geografia.** São Paulo: EDUSP.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Editora Nova Cultura, 3ª edição, São Paulo, 1988.

MATIAS, Josias. **Ensaio sobre a dinâmica canavieira e espacial de Santa Rita**. João Pessoa - PB, 2010.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. Ocupação e Povoamento do Território Paraíbano. Departamento de Geociências – UFPB, João Pessoa, março de 1983.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A Feira do Brejo de Campina Grande**: um estudo de uma instituição econômica no município sergipano do baixo São Francisco. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP. 1975.

NEVES, Joana. **A construção de um mundo globalizado**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

PAZERA JÚNIOR, E. **A Feira de Itabaiana-PB**: permanência e mudança. 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIRENNE, H. (1936). **Economic and Social History of Medieval Europe**. New York: A Harvest Book.

RAU, Virginia. **Feiras medievais portuguesas: subsídios para seu estudo**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

ROCHA HC, Costa C, Castoldi FL et al. **Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo**, RS. Ciência Rural. 2010.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Atlas Escolar da Paraíba**. Grafset. 3ª Edição. João Pessoa – PB. 2002.

SANTOS, M. (2004). **O espaço dividido** – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo. (Original publicado em 1979).

SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Moraes. **Nordeste, açúcar e poder**: um estudo da oligarquia açucareira na Paraíba. 1920-1962. João Pessoa, CNPq/UFPB, 1990.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

TOFANELLI, Mauro BD et al. Levantamento de perdas em hortaliças frescas na rede varejista de Mineiros. Hortic. Bras, Brasília, v. 27, n. 1, Mar. 2009.

VEDANA, V. (2004). **“Fazer a feira”**: Estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

WEBER, Max. **Max Weber: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.

Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251370&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico> > acesso em: 17 de janeiro de 2016.

# APÊNDICE

## **Apêndice A**

### **Pesquisa de Campo – Questionário com os Comerciantes Análise Sócio Espacial da Feira-Livre de Tibiri**

1. Idade:\_\_\_\_\_

2. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3.Naturalidade:\_\_\_\_\_

4. Nível de escolaridade:

Não alfabetizado Fundamental ( )

Fundamental: Incompleto ( ) Completo ( )

Cursando Médio: Incompleto ( ) Completo ( )

Cursando Curso Superior: Incompleto; ( ) Completo; ( ) Cursando; ( )

5. Quanto tempo trabalha na feira: \_\_\_\_\_

6. Produto (s) comercializado(s):

( ) Carne e Franco; ( ) Crustáceos e Peixes;

( ) Fruta, Legumes e Verduras ( ) Grãos; ( ) Outros .

7. Local onde compra os produtos: \_\_\_\_\_

8. Qual é a situação da sua banca e/ou box? ( ) Alugada ( ) Cedida ( ) Própria

9. Para você qual a maior dificuldade encontrada para se trabalhar na Feira de Tibiri?

\_\_\_\_\_

10. A prefeitura cobra alguma taxa?\_\_\_\_\_

11. Último trabalho?\_\_\_\_\_

## **Apêndice B**

### **Pesquisa de Campo – Questionário com os consumidores Uma Análise Sócio Espacial da Feira-Livre de Tibiri**

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3. Nível de escolaridade: ( ) Alfabetizado; ( ) Não alfabetizado.

Fundamental: ( ) Incompleto; ( ) Completo; ( ) Cursando

Médio: ( ) Incompleto; ( ) Completo; Cursando

Curso Superior: ( ) Incompleto; ( ) Completo; ( ) Cursando

4. Bairro de Residência:

( ) No bairro ( ) Outro \_\_\_\_\_

5. Profissão Atual: \_\_\_\_\_

6. Produtos que compra com mais frequência?

\_\_\_\_\_

7. Quanto gasta em média quando vem a feira?

( ) até R\$ 50,00 ( ) entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 ( ) entre R\$ 100,00 e R\$ 200,00

( ) Não informou

8. Para você, o que precisa melhorar na feira de Tibiri?

\_\_\_\_\_

9. Com que frequência você vem a feira?

( ) Semanalmente ( ) Em dias da semana ( ) Quando precisa

10. Existe algum horário que os produtos são mais baratos?